



TRAÇOS E TONS

**A DIVERSIDADE
ÉTNICA NA CRIAÇÃO
DE RETRATOS NAS
AULAS DE ARTE DO
ENSINO
FUNDAMENTAL II**



Carina Navegante

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

CARINA MARIA NAVEGANTE DIAS

TRAÇOS E TONS: A DIVERSIDADE ÉTNICA NA CRIAÇÃO DE
RETRATOS NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II

MANAUS
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

CARINA MARIA NAVEGANTE DIAS

TRAÇOS E TONS: A DIVERSIDADE ÉTNICA NA CRIAÇÃO DE
RETRATOS NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós Graduação em Artes – PROFARTES da
IES Associada - Universidade Federal do
Amazonas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Artes.

Linha: Processos de Ensino, Aprendizagem e
Criação em Artes

Orientador: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita
Lopes

MANAUS

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D541t Dias, Carina Maria Navegante
Traços e tons: a diversidade étnica na criação de retratos nas aulas de arte do ensino fundamental II / Carina Maria Navegante Dias. - 2026.
113 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Valter Frank de Mesquita Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus, 2026.

1. Diversidade étnica. 2. Retrato. 3. Tons. 4. Feições faciais. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

CARINA MARIA NAVEGANTE DIAS

TRAÇOS E TONS: A DIVERSIDADE ÉTNICA NA CRIAÇÃO DE RETRATOS
NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II

DISSERTAÇÃO apresentada à Banca para a Defesa Final, junto ao Mestrado
Profissional em Artes-PROFARTES – Processos de Ensino, Aprendizagem e
Criação em Artes

Aprovado em: 08/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

Membro: Dra. Amanda da Silva Pinto

Membro: Dra. Maria Evany do Nascimento

Suplente: Dr. Evandro de Moraes Ramos

Suplente: Dra. Samantha Karlia Rodrigues Reis

MANAUS

2026

DEDICATÓRIA

Figura 1: Minha Mãe. Criação: Carina Navegante, autora



Fonte: Acervo Pessoal

À minha rainha, minha mãe, Zenaide Navegante Dias (*in memoriam*), meu exemplo de fé, força e coragem, que traçou e coloriu com amor a minha história e os caminhos que hoje percorro, ensinando-me a nunca desistir. A ti que floresce em minha memória, com o perfume suave de jasmim. A minha eterna inspiração.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível porque pude contar com seres que já faziam parte da minha paleta de amigos, e com os que conheci durante a caminhada, e me ajudaram a torná-la mais colorida.

Gratidão a Deus, que me concedeu fé e esperança nos momentos de incerteza e nos dias mais desafiadores, sustentando meus passos nessa caminhada, então pude seguir com discernimento, paciência, persistência e coragem.

Aos que fazem parte da minha árvore genealógica:

Meu querido pai Valdir da Fonseca Dias, pela força, seus sábios conselhos e carinho paterno; aos meus irmãos Cleise, Cleiny e Enéas pelo apoio, incentivo, inspiração e compreensão que me foram tão necessários em todo o percurso; a minha irmã Clívia que me dedicou seu tempo e conhecimento, ajudando a tornar tudo mais fácil e leve.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes, por compartilhar saberes, provocar reflexões, contribuindo de forma significativa para o amadurecimento deste estudo, e para a minha formação enquanto professora/artista/pesquisadora.

Aos meus professores do Mestrado Profissional em Artes, – PROF-ARTES, que transmitiram seus saberes com excelência e profissionalismo.

Aos meus colegas de mestrado, pela convivência, troca de experiências e pelo incentivo ao longo desta jornada acadêmica.

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “Traços e Tons: A Diversidade Étnica na Criação de Retratos nas Aulas de Arte do Ensino Fundamental II”, buscou desenvolver criações de retratos, analisando a variedade de tons de pele e feições faciais existentes entre os estudantes para que percebessem que fazem parte da diversidade étnica brasileira. Foram escolhidos/as 8 (oito) estudantes, sendo 4 (quatro) do 8º ano e 4 (quatro) do 9º ano do Ensino Fundamental II, provenientes da Escola Municipal Professora Antônia Pereira da Silva, local em que a pesquisa foi realizada. O conceito de etnia de Munanga (2004) contribui para a compreensão da diversidade étnica brasileira ao separar a noção de “raça” para uma perspectiva histórica, social e cultural, que complementados com a visão de outros autores, como Ribeiro (1995) e Sodré (1999), sobre os aspectos históricos da formação da população brasileira e sobre a “cor de pele”, conforme Suzuki (2022), entendeu-se os motivos pelos quais foram sendo construídos estereótipos em torno da cor e fisionomia humana no ambiente escolar. O sentido do retrato como “uma extensão da subjetividade” na visão de Ikikami (2015), a identidade como “produto da história e consequentemente da cultura”, segundo Hall (2014), auxiliou esse estudo relacionado à criação de retratos com base no entorno cultural dos estudantes. A metodologia utilizada foi a A/R/Tografia de acordo com Dias (2013) e Irwin (2008) permitindo analisar tanto o processo quanto a produção artística, destacando o papel da professora/artista/pesquisadora. A partir da análise das obras das artistas Angélica Dass (2012), Adriana Varejão (2017), Dalton Paula (2018) e minhas obras (2009), de práticas de desenho da construção do rosto humano e misturas de cores, gerou como resultado, retratos expressivos da pluralidade de tons de pele e feições faciais presentes na população brasileira, com base no contexto cultural dos estudantes.

Palavras-chave: Diversidade Étnica. Retrato. Tons. Feições Faciais

ABSTRACT

The present research entitled "Traces and Tones: Ethnic Diversity in the Creation of Portraits in Elementary School Art Classes", sought to develop portrait creations, analyzing the variety of skin tones and facial features existing among students so that they realized that they are part of the Brazilian ethnic diversity. 8 (eight) students were chosen, 4 (four) from the 8th grade and 4 (four) from the 9th grade of Elementary School II, from the Municipal School Professora Antônia Pereira da Silva, where the research was carried out. Munanga's (2004) concept of ethnicity contributes to the understanding of Brazilian ethnic diversity by separating the notion of "race" from a historical, social and cultural perspective, which complemented with the view of other authors, such as Ribeiro (1995) and Sodré (1999), on the historical aspects of the formation of the Brazilian population and on "skin color", according to Suzuki (2022), the reasons why stereotypes have been built around human color and physiognomy in the school environment were understood. The sense of the portrait as "an extension of subjectivity" in the view of Ikikami (2015), identity as a "product of history and consequently of culture", according to Hall (2014), helped this study related to the creation of portraits based on the cultural environment of the students. The methodology used was A/R/Tography according to Dias (2013) and Irwin (2008) allowing the analysis of both the process and the artistic production, highlighting the role of the teacher/artist/researcher. From the analysis of the works of the artists Angélica Dass (2012), Adriana Varejão (2017), Dalton Paula (2018) and my works (2009), of drawing practices of the construction of the human face and mixtures of colors, it generated as a result, expressive portraits of the plurality of skin tones and facial features present in the Brazilian population, based on the cultural context of the students.

Keywords: Ethnic Diversity. Portrait. Tones. Facial

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Minha Mãe. Criação: Carina Navegante, autora	03
Figura 2 Desenho de Rosto Feminino.....	15
Figura 3 Rosto de Mulher. Guache sobre papel.....	16
Figura 4 Meu Cabelo, Minha Resistência	18
Figura 5 Conexão.....	20
Figura 6 Retratos da Diversidade Brasileira.....	35
Figura 7 Humanae, de Angelica Dass	36
Figura 8 Tintas Polvo e Retrato de Adriana Varejão	37
Figura 9 Retrato do Negro Brasileiro, de Dalton Paula.....	37
Figura 10 Esquema de desenho do rosto humano, modelo 1	42
Figura 11 Esquema de desenho do rosto humano, modelo 2	42
Figura 12 Rosto de uma mulher. Técnica: lápis de cor. Criação: professora	43
Figura 13 Paleta de tons de pele. Criação: professora.....	44
Figura 14 Árvore de tons de pele. Criação: professora.....	44
Figura 15 Retratos feitos pela professora. Guache sobre papel	45
Figura 16 Desenhos dos elementos faciais feitos na lousa pela professora.....	47
Figura 17 Desenho de rostos feitos na lousa pela professora	48
Figura 18 Desenho de olhos. Criação: professora	48
Figura 19 Desenho de tipos de narizes. Criação: professora	49
Figura 20 Desenho de bocas. Criação: professora.....	50
Figura 21 Estudantes com os seus desenhos de bocas.....	51
Figura 22 Desenho de olhos. Criação: estudantes	51
Figura 23 Desenho de nariz. Criação: estudantes	52
Figura 24 Desenho dos elementos faciais: Criação: estudantes	52
Figura 25 Método <i>Loomis</i>	54
Figura 26 Rosto frontal e perfil. Criação: estudantes.....	55
Figura 27 Esquema de desenho do rosto humano. Criação: estudantes	56
Figura 28 Processo de criação de um retrato feito pela professora.....	57
Figura 29 Estudantes pintando retratos com lápis de cor.....	59
Figura 30 Retrato de mulheres. Técnica: lápis de cor. Criação: estudantes	60
Figura 31 Retratos com lápis de cor. Criação: estudantes	61
Figura 32 Postagens de vídeos de desenhos de rostos. WhatsApp	62

Figura 33	Postagem de vídeo de pintura de olhos. WhatsApp	62
Figura 34	Tonalidades de cores de pele. Produção: estudantes.....	64
Figura 35	Processo de criação de uma árvore genealógica de tons de pele	65
Figura 36	Estudantes criando árvores genealógicas de tons de pele	65
Figura 37	Misturas com as cores primárias e neutras. Produção: estudantes	66
Figura 38	Estudantes em Processo de Criação dos retratos	67
Figura 39	Criação de retratos em tela e papel	68
Figura 40	Criação de retratos em tela e papel.....	69
Figura 41	Processo de criação do retrato da minha mãe. Acrílica sobre tela	71
Figura 42	Retrato em processo de criação feito pela professora.....	72
Figura 43	Convite virtual da exposição “Traços e Tons”.....	72
Figura 44	Detalhe da exposição “Traços e Tons”	73
Figura 45	Instalação de retratos e paletas de tons de pele	74
Figura 46	Vernissage da exposição “Traços e Tons”	75
Figura 47	Estudante dialogando sobre as criações de retratos	76
Figura 48	Detalhes de rostos criado pelos estudantes.....	79
Figura 49	Paletas de tons de pele com tinta guache. Criação: estudantes	80
Figura 50	Árvores Genealógicas de Tons de Pele. Criação: estudantes.....	81
Figura 51	Retrato 1. Guache sobre tela.....	84
Figura 52	Retrato 2. Guache sobre tela.....	85
Figura 53	Retrato 3. Guache sobre tela.....	87
Figura 54	Retrato 4. Guache sobre tela.....	88
Figura 55	Retrato 5. Guache sobre tela.....	90
Figura 56	Retrato 6. Guache sobre tela.....	91
Figura 57	Retrato 7. Guache sobre papel.....	93
Figura 58	Retrato 8. Guache sobre papel.....	94
Figura 59	Retrato 9. Guache sobre papel.....	96
Figura 60	Retrato 10. Guache sobre papel.....	97
Figura 61	Retrato 11. Guache sobre papel	99
Figura 62	Retrato 12. Guache sobre papel.....	100
Figura 63	Retrato 13. Guache sobre papel.....	102
Figura 64	Retrato 14. Lápis de cor sobre papel	103

Figura 65 Retrato 15. Guache sobre papel.....	105
Figura 66 Retrato 16. Guache sobre papel	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ENTRE TRAÇOS, CORES E MEMÓRIAS: CONSTRUINDO CAMINHOS.....	13
1.1 Professora Artista: Experiência e Vivência	21
2 RAÍZES DO CONHECIMENTO	24
2.1 Etnia, Contexto Histórico da Formação da População Brasileira	24
2.2 “Cor de Pele”	27
2.3 Retrato e Identidade.....	29
3 TRAMAS DE ESTRATÉGIA.....	32
3.1 Procedimentos da Pesquisa	34
3.2 Encontros: Estratégia e Processo de Criação dos Estudantes.....	39
3.3 Processo de Criação: Professora Artista	70
3.4 Traços e Tons.....	72
4 ENTRE FEIÇÕES E TONALIDADES - RESULTADOS	78
5 POÉTICAS DOS RETRATOS DE ESTUDANTES ARTISTAS.....	83
5.1 Vermelho	83
5.2 Azul.....	86
5.3 Amarelo	89
5.4 Preto	92
5.5 Branco	95
5.6 Verde	98
5.7 Marrom Escuro.....	101
5.8 Marrom Claro	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

No intuito de contribuir no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Arte, a presente pesquisa expôs o caminho percorrido e os resultados obtidos com a proposta de criação de retratos de rostos de pessoas com vários tons de pele e feições faciais. Nesse contexto, a criação de retratos emergiu como um elemento central, que articulada com a A/R/Tografia possibilitou que estudantes explorassem não apenas técnicas, mas também percepções visuais de si mesmo e sobre o outro, tendo a oportunidade de repensar padrões de representação da figura humana, percebendo que eles fazem parte da diversidade étnica brasileira.

Nesta pesquisa intitulada “Traços e Tons: A Diversidade Étnica na Criação de Retratos nas Aulas de Arte do Ensino Fundamental II”, procurei analisar de que maneira a prática do desenho e da pintura de retratos contribuiria para a formação artística cultural dos estudantes envolvidos no processo investigativo, considerando que as experiências vivenciadas no decorrer da pesquisa favoreceram o desenvolvimento das aulas, despertando o interesse dos educandos e ampliando o trabalho docente.

Por ter sido uma pesquisa direcionada para a criação em arte/educação, na área de artes visuais, a temática se desdobra na expressão “Traços” que representou os elementos estruturais do desenho: linhas, formas e contornos, que são utilizados na construção do rosto humano; e “Tons” remeteu às cores e suas gradações, sobretudo as tonalidades de pele. Dessa integração, cada retrato constitui a expressão e individualidade e apresenta à diversidade étnica presente em nosso contexto cultural.

A escolha da diversidade étnica brasileira na criação de retratos, partiu da análise do meu percurso como professora da educação básica, ministrando a componente curricular Arte, em que desenvolvi atividades relacionadas a temática, pois percebia a sua nítida complexidade no ambiente escolar, seja por ver manifestações de ideias equivocadas a respeito da cor e outros fenótipos e o não reconhecimento ou negação da ancestralidade indígena e africana, por parte expressiva dos meus alunos, e das recorrentes brincadeiras ofensivas e insultos verbais. Na escola em que realizei a pesquisa, presenciei alunos fazerem associações estereotipadas, como comparar o

colega em tom de pele mais escuro com macaco; alguns faziam piada ao avistarem os estudantes de pele escura, cabelo crespo, lábios grossos e olhos puxados.

Outro aspecto que considerei foi o fato de muitos estudantes ainda reproduzirem o estereótipo “cor de pele”, referindo-se àquele lápis rosado, uma vez que a maioria aprendeu na infância que essa seria a cor ideal para pintarem a pele de uma pessoa no desenho, e limitava a percepção de outras tonalidades que representem a pele humana.

Como artista visual, o retrato faz parte do meu repertório de criação, a exemplo produzi uma série de retratos de pessoas com traços indígenas, africanos como forma de representar a diversidade brasileira, partindo da observação de meus familiares e conhecidos. Esse trabalho foi o que irrompeu a ideia da realização dessa investigação, sendo uma das referências apresentadas nas práticas de criação dos retratos.

Ao considerar como proposta de produção de retratos nas aulas de Arte, surgiu a seguinte questão norteadora: Como desenvolver criações de retratos no ensino fundamental II, analisando a variedade de tons de pele e feições faciais existentes entre os estudantes para que percebam que fazem parte da diversidade étnica brasileira? Nesse processo, busquei referências de artistas brasileiros que desenvolveram trabalhos centrados na pluralidade de identidades, como Angélica Dass, Adriana Varejão e Dalton Paula, estabelecendo um diálogo com narrativas relacionadas a estereótipos ligados à cor e à representatividade.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo desenvolver criações de retratos, analisando a variedade de tons de pele e feições faciais existentes entre os estudantes para que percebessem que fazem parte da diversidade étnica brasileira. Com esse propósito desenvolvi práticas artísticas apoiadas em pesquisas metodológicas que proporcionaram aprendizagens mais significativas, reforçando a sua relação social e promovendo o diálogo, expressão criativa e apreciação artística.

Os estudantes do 8º e 9º anos, que participaram da pesquisa, criaram retratos a partir de estudos das formas básicas da construção do rosto humano: dos olhos, sobrancelhas, bocas e narizes, através da observação de familiares, amigos e colegas de sala e das obras de referências, articulando com o seu repertório visual. Na pintura, eles utilizaram lápis de cor de 12 ou mais cores para produzir os primeiros retratos;

para fazer as misturas e obter mais tons, utilizaram a tinta guache, através da qual eles produziram paletas e árvores genealógicas de tons de pele, como forma de trabalhar as gradações de cores com base na sua ancestralidade; finalizando com a criação de retratos baseados em seu contexto cultural.

Após a criação de retratos, foi realizada a exposição intitulada “Traços e Tons”, socializando a produção artística de estudantes e professora artista, com uma ação mediada por diálogos com os alunos visitantes, para refletirem sobre a diversidade de tons de pele e feições faciais existentes entre eles.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Antônia Pereira da Silva, localizada a rua da Felicidade, no bairro Santa Etelvina, com proximidade a duas importantes rodovias, a BR-174 e a AM-010, na zona norte de Manaus, Amazonas. Uma instituição voltada para o ensino fundamental (anos finais), que atende 1.088 estudantes, nos turnos matutino e vespertino, com 28 turmas. Quanto a estrutura, durante a pesquisa, a escola possuía 14 salas de aula, 01 sala de mídias, 01 biblioteca, 01 sala de gestão, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala pedagógica, 01 pátio, 01 refeitório, 04 banheiros e uma quadra coberta.

A investigação seguiu o método da pesquisa bibliográfica de acordo com Gil (2002), compreendida como um meio de sistematização de informações obtida em obras acadêmicas variadas, que contribuiu para o aprofundamento do contexto histórico, social, cultural, associado a diversidade étnica, retrato, identidade e educação antirracista. Também consitiuiu uma pesquisa artística ao fazer levantamento de obras e artistas de referência que versam sobre assuntos relacionados a divesidade étnica, ampliando o repertório estético e cultural dos estudantes sobre tons de pele e feições faciais.

A proposta metodológica fundamentou-se na A/R/Tografia, segundo Dias e Irwin (2013), articulada com análise de Rey (2002) em relação ao processo criativo como percurso de investigação, não se limitando à obra final. Essa abordagem considerou os sentidos e a expressão criativa dos estudantes durante o processo de pesquisa, ao mesmo tempo ressaltou o meu posicionamento como professora/artista/pesquisadora, sustentada pela experiência no ensino de arte e na produção artística visual.

A pesquisa também se fundamentou em alguns pontos relacionados a educação antirracista, amparada pelas Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica, ampliando as possibilidades de abordagem interdisciplinar, especialmente no componente curricular Arte.

Ressalto que o processo criativo dos estudantes para a produção dos retratos foi fundamental para a elaboração dessa pesquisa, despertando em mim novas formas de expressão artística, embora o retrato seja um dos meus gêneros de criação. Somando-se a isso, veio à tona as lembranças de meus primeiros traços, pois o desenho constituiu-se como elemento estruturante da minha jornada pessoal e profissional, me levando ao encontro das artes visuais, através do qual partilho a seguir no meu memorial, sobretudo o passo a passo dessa investigação.

1 ENTRE TRAÇOS, CORES E MEMÓRIAS: CONSTRUINDO CAMINHOS

[...]
E somos feitos
Cunhatãs e curumins
Brincando na Baixa
E por toda Parintins
[...]

Toada da Saudade/Álbum Boi Garantido 2021/Enéas Dias

Com o trecho da “Toada da Saudade”, começo a apresentação da minha trajetória nas artes visuais, a partir de Parintins-AM, onde fiz uma viagem pelo universo das cores, escolhendo o vermelho da emoção¹, e seguindo para o encontro das águas, passando por caminhos sinuosos, me encontrei com a arte, fazendo através do desenho e da pintura uma conexão com a natureza, carregada de identidades.

Minhas vivências de infância e adolescência exerceram um papel muito importante no meu crescimento artístico visual, e revisité-las por meio deste memorial, traz de volta recordações que tiveram significados especiais na minha vida.

Recordações vindas de Parintins, minha terrinha, conhecida pelo seu grandioso

¹ O vermelho é a cor que representa o boi bumbá Garantido, agremiação que se apresenta no Festival Folclórico de Parintins. Simbolicamente, remete à emoção, à paixão, força e pertencimento, associada a energia de sua torcida. “Vermelho é raça” “Vermelho é tradição”, (Álbum Garantido, 2008).

festival folclórico, palco das minhas primeiras criações. Ali, ainda na infância, lembro que minhas habilidades no desenho foram logo percebidas pela minha saudosa mãe. Busquei, através de livros presenteados pelo meu pai, bibliófilo e dono da mais tradicional livraria da cidade, na época, para aprender técnicas artísticas de desenhos, pois meu pai era a pessoa que me levava para ver as exposições de pinturas dos artistas parintinenses.

Eu passava o dia desenhando, sentada à mesa, embaixo do caramanchão² de flores de jasmim, coração do quintal da minha casa, onde minha família costumava se reunir para almoços, para contar histórias e para festejos de aniversários. Nesse cantinho, eu ficava viajando na imaginação, tentando reproduzi-la por meio dos meus desenhos, além de observar os detalhes dos objetos, pessoas, árvores, pássaros e borboletas que apareciam por lá.

Como torcedora, desde a infância, do boi bumbá Garantido, um dos bois de pano que se apresentam no Festival Folclórico de Parintins, costumava desenhá-lo no papel sulfite, pintando o fundo de vermelho para fazer uma bandeira. Por eu viver numa cidade que tradicionalmente cultua a arte, eu me sentia estimulada em persistir na minha vontade de seguir o caminho artístico.

No meu tempo de estudante, tanto professores quanto meus colegas, costumavam elogiar os meus desenhos. Ainda na infância, quando estudava na Escola Estadual Araújo Filho em uma atividade escolar, lembro que tinha de desenhar um menino sobre o burrinho, como o desenhei perfeitamente, a minha professora me parabenizou, e não foi diferente em outros trabalhos. Na adolescência, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, as minhas colegas pediam para eu desenhá-las, então, eu as retratava por meio de fotografias fornecidas por elas ou observando-as, nos poucos minutos dos intervalos das aulas. A partir dessas atividades, a figura humana foi um dos temas que me despertou maior interesse na arte principalmente de rostos.

² Caramanchão: “Construção rústica, de ripas ou estacas, geralmente recoberta de planta trepadeira, situada num parque ou jardim; camaranchão” (Ribeiro, [s.d])

Figura 2: Desenho de Rosto Feminino.



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 2 ilustra um dos desenhos de rostos de mulher, criado na adolescência, quando comecei a reproduzir modelos de revistas, procurando desenvolver o desenho por meio da observação de detalhes da fisionomia humana.

Figura 3: Rosto de Mulher. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 3 ilustra a primeira pintura com a tinta guache que fiz de um rosto de uma mulher, tendo como base uma modelo de revista. Apesar de não ter na fase de adolescência, muita noção de misturas de cores para obter tons de pele, pois não fazia curso de desenho e pintura, consegui obter tonalidades próximas ao tom de pele da modelo. Ela representa um momento importante de descoberta artística, o meu estilo inicial, e posso ver o quanto desenvolvi a minha técnica, desde então.

Eu queria aprimorar os meus desenhos, por isso costumava retratar modelos de revistas, e minha família, ampliando a minha percepção dos detalhes em relação aos tons de pele, e os traços de suas fisionomias. Uma das minhas irmãs, por exemplo, tinha o cabelo encaracolado, olhos castanhos claros, nariz pequeno, boca carnuda; outra, tinha o cabelo liso e loiro, nariz afilado e lábios finos; os outros já eram bem parecidos comigo, com os olhos um pouco puxados, cabelo preto e liso, mas o tom da pele variava para mais branco ou para mais amarelado. Assim, fui trabalhando o meu olhar, passando minhas percepções para o papel, seguindo a linha do desenho artístico e do desenho de moda, pois reproduzia os modelos de capas de revistas para fazer figurinos e aprender a desenhar o corpo humano.

Enfim, havia chegado a hora de decidir o curso de graduação que eu deveria fazer, algo importante a se pensar, pois teria que sair de Parintins. Eu queria fazer Design de Moda, mas esse curso não tinha no Amazonas, então, vi o curso de Educação Artística com habilitação em desenho, era o que se aproximava daquilo que gostava de fazer, apesar de quase não ter tido essa disciplina Educação Artística na escola, tendo apenas na 5ª e 6ª série do 1º grau, atualmente 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II.

Ingressei em 1997 na Universidade Federal do Amazonas, passando a morar em Manaus, agora distante da família e do caramanchão de jasmim, abrindo a mente para novas experiências e compartilhando conhecimentos com amantes da arte, indo em busca do entendimento de técnicas de desenho, sobre história da arte e o papel de uma arte educadora.

A figura humana continuou sendo o tema mais presente nas minhas produções artísticas, direcionando também para paisagens, e aos poucos, fui aprendendo a retratar pessoas com a técnica do giz pastel seco, e como na escola continuei recebendo encomendas de colegas, só que sendo mais profissional. Ao longo dos anos eu pude perceber o meu crescimento como artista, desenvolvendo meus traços e vendo o quanto eu aprimorei a minha técnica. Além disso, participei de exposições coletivas realizadas em Manaus.

Dentre as exposições que participei, ao longo de minha carreira artística, estão as do Projeto Diálogos Artísticos, realizada em Galerias e Centros Culturais de Manaus; as das Mulheres Artistas Contemporâneas, realizada na galeria no Instituto

Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU).

As exposições promovidas pelo Projeto Diálogos Artísticos, por formadoras de Arte do DDPM/SEMED - Divisão do Desenvolvimento Profissional do Magistério, tinha como objetivo valorizar o trabalho do professor artista. Vejo a minha participação nesse projeto como um incentivo para a minha atuação nas práticas docentes e um exemplo da relação existente entre as minhas criações com as dos estudantes.

Figura 4 - Meu Cabelo, Minha Resistência.



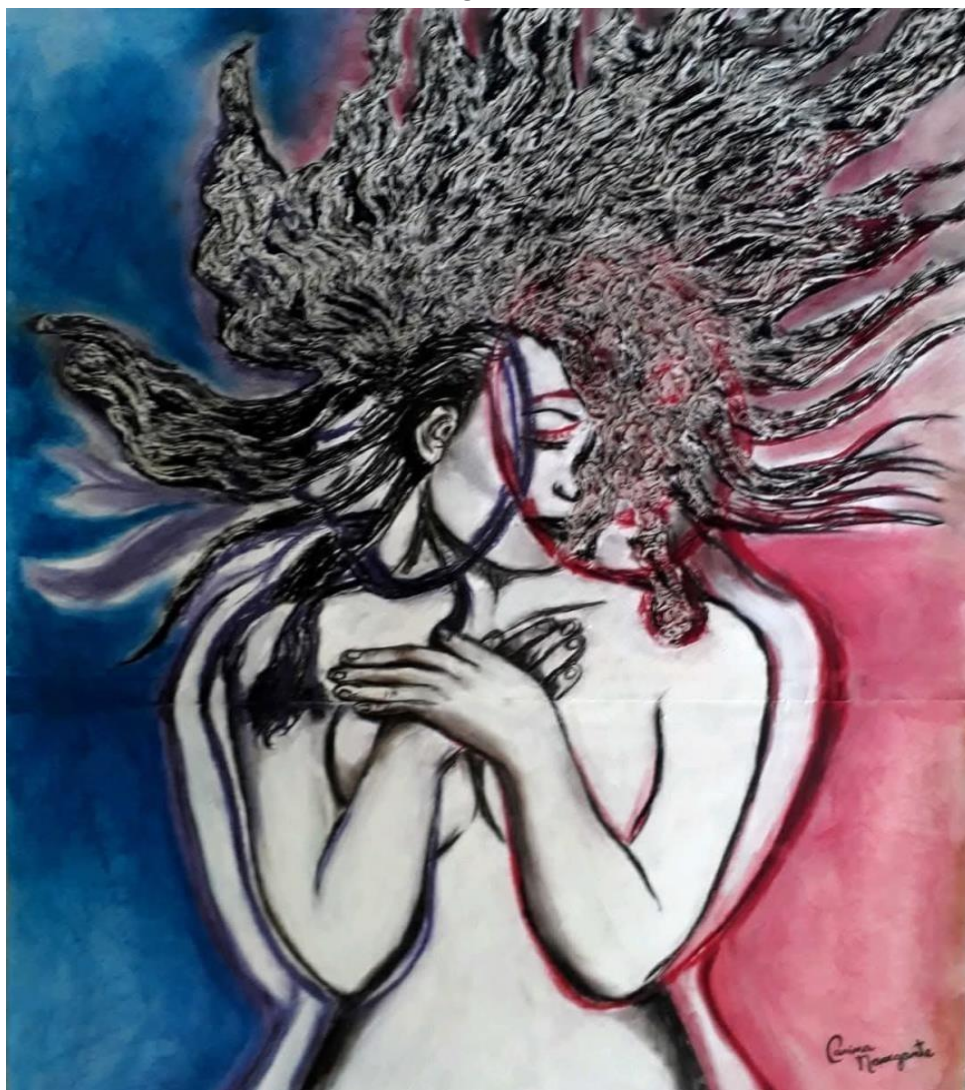
Fonte: Acervo Pessoal

A pintura “Meu Cabelo, Minha Resistência” (figura 4), é um exemplo de retrato inspirado na diversidade brasileira, que fez parte da exposição “Arte e Resistência”, promovida pelo projeto Diálogos Artísticos, “Uma mulher com cabelo crespo, nariz afilado, lábios grossos, corte de cabelo médio, muito utilizado pelas mulheres negras da atualidade” (Dias, 2024).

Além de exposições participei da escrita do livro “Entre a Sala de Aula e a Galeria: Vivências, Persistência e Diálogos Artísticos na Amazônia”, apresentando o meu processo na criação de pinturas que fizeram parte das exposições promovidas pelo projeto e a relação deles na minha vivência em sala de aula ministrando Arte.

As exposições do ICBEU que participei, reuniam obras de mulheres artistas amazonenses, destacando as percepções femininas por meio das artes visuais. Estive presente nas quatro edições de coletivo feminino, apresentando arte digital, colagem e técnica mista. Dentre as mostras de arte, promovidas por essa instituição, foi marcante a Exposição Poéticas Visuais Afetivas, por ter sido realizada em meio um período de retorno ao convívio social, pois devido a proliferação da covid 19, os centros culturais de Manaus não estavam funcionando.

Figura 5: Conexão.



Fonte: Acervo Pessoal

A obra “Conexão”, (2019), como ilustra a figura 5, foi produzida com a técnica mista em que utilizei o carvão, giz pastel seco e tinta acrílica. É uma composição que representa uma pessoa que se conecta com os seus sentimentos em busca de sua verdadeira identidade. Ela fez parte da Exposição Poéticas Visuais Afetivas, realizada na galeria do ICBEU.

Com o passar dos anos fui percebendo o meu amadurecimento como artista, desenvolvendo meus traços e vendo o quanto eu avancei no domínio da minha técnica artística, permitindo que pudesse transmitir meus conhecimentos para âmbito educacional.

1.1 PROFESSORAARTISTA: EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA

Em 2001, após concluir o curso de Licenciatura Plena em Educação Artística com habilitação em desenho, permaneci em Manaus, iniciando no mesmo ano a docência na Rede Estadual de Ensino-SEDUC/AM, no ensino médio, lecionando Língua Inglesa, e foi no ano seguinte que comecei a atuar com Arte.

Na escola, não mais como estudante, mas como professora de arte, chegou o momento de saber de que maneira minha prática artística poderia dialogar com a realidade da sala de aula. Mas, nos primeiros anos, existia uma distância entre a minha profissão de artista com a docência porque eu tinha que seguir os componentes curriculares de arte e de outras disciplinas para completar a minha carga horária, além da falta de tempo, quantidade de turmas para eu ministrar e o compromisso com prazos de lançamento de notas.

Com o tempo, vi que minhas vivências artísticas, em especial de experiências vindas da infância e adolescência, foram importantes para a minha prática docente. A partir do momento que comecei a entender o sentido delas na minha vida, podendo compartilhá-las com os estudantes, aos poucos fui percebendo a relação das minhas obras com as atividades desenvolvidas em sala de aula. Ao participar com os estudantes de atividades extraclasse, projetos e exposições de arte, dentro e fora da escola, comecei a perceber a relação existente entre professora e artista.

No ano de 2005 e 2008 ingressei através de concurso público na Rede Municipal de Ensino -SEMED/Manaus lecionando arte no ensino fundamental II, e na Educação de Jovens e Adultos-EJA, 2ª Fase.

Eu desenvolvi muitas atividades artísticas, dentre elas: autorretratos, criação de personagens, pinturas, colagens e performances. E mesmo em atividades relacionadas a outras linguagens da arte, consegui despertar por meio da minha experiência, a produção de ilustrações inspiradas em composições musicais. Muitas dessas produções foram expostas na sala de aula e pátio da escola, e sentia a motivação dos estudantes em participar até mesmo os que diziam não saber desenhar, e isso foi muito gratificante para mim, como arte/educadora. Lembro que alguns me pediam

para levar as minhas obras para eles verem, além de fazerem perguntas a respeito dos meus trabalhos. Essas situações me estimulavam a procurar fazer atividades mais diversificadas, levando em conta a experiência e o interesse dos estudantes.

Na minha lembrança, em algumas atividades houve maior envolvimento dos estudantes, pois além de produzirem artisticamente, faziam o acabamento, e montagem das exposições nos painéis da escola. Um exemplo foram as criações com base em toadas de boi bumbá que fizeram parte da exposição da Semana da Literatura Amazonense da escola municipal Profa. Antônia Pereira da Silva, sendo um momento importante para a divulgação da arte da Amazônia para a comunidade escolar, e para mim, uma parintinense, sobretudo, foi um despertar das minhas raízes.

Ao realizar projetos de ciência na escola, tive a oportunidade de aprofundar assuntos voltados para artes visuais através de pesquisas e práticas artísticas junto com alguns estudantes, recebendo pela FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas) um certificado de Menção Honrosa por incentivar mulheres e meninas na ciência. Normalmente, no final do projeto, fazia-se uma socialização com apresentações dos resultados e mostra de arte, dentro e fora da escola. Eu percebia que esses trabalhos despertavam interesse tanto dos estudantes envolvidos na pesquisa, quanto dos que estavam como expectadores, pois para eles era novidade, e muitos deles nunca tinham ido a alguma galeria ou centro cultural.

Das práticas que realizei em sala de aula, considero as produções de retratos com variedade de tons de pele e fisionomia humana como as mais significativas, por ser um tema que direcionava para questões sociais, pois muitos estudantes sofrem ou já viram alguém sofrer preconceito racial. Como a figura humana está presente nos meus trabalhos artísticos, pois já retratei pessoas de vários biotipos, utilizei meus conhecimentos do desenho e pintura de rostos e apliquei nas aulas de arte. Com essas atividades consegui envolvê-los, fazendo-os diversificar as suas construções plásticas, partindo da observação dos colegas e deles mesmos, percebendo que existia uma variedade de tons, à medida que eles pintavam e faziam misturas, descobrindo novas formas de criação de nuances de cor.

Por meio dessas práticas com retratos e misturas de cores, afloraram as lembranças dos desenhos que eu fazia de minhas irmãs e de meu irmão, quando percebia as diferentes tonalidades de pele e certos traços faciais, associados a matrizes indígenas e africanas, passando a pesquisar sobre minha ancestralidade. Como

brasileiros, somos constituídos por múltiplas heranças étnicas e raciais que conformam nossa identidade. Ainda que eu não saiba ao certo se possuo ascendência de alguma etnia indígena ou africana, tendo conhecimento apenas de antepassados vindos de italianos, alemães e sírios, me identifico como parda, a partir de minhas características físicas e pela diversidade de tons e características existente em minha família.

A formação de um docente de arte passa por um longo processo, sendo a união dos seus saberes acadêmicos, de sua habilidade e experiências trazidas na memória da infância e adolescência, que ele pode contribuir no ensino de um estudante por meio da arte.

Hoje, compreendo que ser professora de Arte e Profissional das Artes Visuais não se limita a transmissão de conteúdo ou técnicas, mas assume uma dimensão formativa, cultural e social, através de uma educação em Arte mais diversa, crítica e capaz de provocar diferentes maneiras de perceber, interpretar e representar o mundo. Por isso, sigo nesta caminhada como professora, artista e pesquisadora, contribuindo para a educação e a pesquisa em arte, sendo uma eterna aprendiz.

2 RAÍZES DO CONHECIMENTO

Visando compreender conceitos que fundamentam a temática da pesquisa, consultei referências que versavam sobre a diversidade brasileira, retrato, cor, identidade, bem como, artistas que abordavam essas questões em suas obras, articulados com práticas educativas na área de artes visuais, e vinculadas com a educação antirracista. Ademais, baseados em pinturas e fotografias, fui em busca de abordagens relacionadas a análise de imagens, de modo a orientar os estudantes no aprimoramento de um olhar mais apurado.

Assim, esse capítulo está organizado em três seções: Etnia, Contexto Histórico da Formação da População Brasileira; “Cor de Pele”; por fim, Retrato e Identidade.

2.1 ETNIA, CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

No campo educacional, compreender a diversidade étnica possibilita práticas pedagógicas mais críticas e sensíveis às realidades dos estudantes, valorizando suas identidades, memórias e ancestralidades. Por isso, nesta investigação, procurei informações acerca do conceito de etnia; aspecto histórico da formação da população brasileira, para entender o contexto pelo qual o Brasil se tornou um país multiétnico.

A etnia não é determinada somente pelas características físicas dos indivíduos, mas é resultante das relações históricas, sociais, culturais e simbólicas que os grupos populacionais constroem ao longo do tempo.

Segundo Munanga (2004), etnia diz respeito aos vínculos culturais, históricos e sociais que unem um grupo de pessoas, e não apenas às suas características físicas; por isso, um mesmo país pode reunir várias etnias. Ele esclarece que o conteúdo da raça está relacionado a características biológicas e o de etnia está ligado à relação sociocultural, histórico e psicológico sendo que em uma nação pode conter diversas etnias.

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas

etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. (Munanga, 2004, p. 12)

Levando para o aspecto histórico, o Brasil se tornou um país multiétnico porque sua formação resultou na relação contínua e da integração de distintos grupos sociais ao longo do tempo. Os indígenas já viviam aqui, os europeus chegaram com a colonização e os africanos vieram forçados pela escravidão. “Surgimos da Confluência, do entrecchoque e do caldeamento do invasor português com índios³ silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (Ribeiro, 1995).

O território brasileiro antes do processo de colonização, era habitado por numerosos povos indígenas, com diversidade linguística, cultural e formas de organização social. Com o início da colonização portuguesa, ocorreu a chegada de europeus que estabeleceram suas referências culturais, sua língua e seus modelos sociais. E de forma forçada e violenta, vários povos africanos escravizados, vieram de diferentes áreas da África, como destaca Sodré (1999).

A população brasileira, como se sabe, formou-se ao longo dos séculos por africanos escravizados aos milhões, provenientes de uma grande diversidade de portos ao longo da costa africana. Entre estes e o litoral do Brasil configura-se uma “ponte” mercantil e colonialista que deu margem à constituição tanto de elites nacionais (a exemplo das elites cariocas geradas pelo tráfico ou do patriciado rural sustentado pelo trabalho escravo) quanto da plebe litorânea. (Sodré, 1999, p. 164-165)

No final do século XIX, chegou uma grande quantidade de imigrantes de nacionalidade europeia. “Era a imigração valorizada, associada com civilização no discurso imigrantista, e considerada a mais adequada à formação nacional de raiz lusitana” (Seyferth, 2014, p. 5). Nessa ideia de adequação da população foi adotada a política de embranquecimento que defendia o progresso do Brasil à medida que sua população se tornasse mais branca, favorecendo a ascendência europeia em detrimento de outras origens, formando uma hierarquia de valores baseada na cor da pele, menosprezando as culturas negras e indígenas.

De acordo com Ferreira, o processo de branqueamento pode ser entendido no plano físico e cultural, sendo realizado diversos investimentos para misturar pessoas brancas e negras. No plano físico foram realizados diversos investimentos, porém não

obtiveram os resultados esperados, especialmente após a abolição da escravidão, quando o governo republicano passou a incentivar de forma sistemática a imigração europeia.

[...] O processo de branqueamento pode ser entendido no plano físico e no plano cultural. No físico houve muitos investimentos de misturar pessoa branca com a negra para que houvesse o embranquecimento da sociedade. As tentativas foram muitas e fortes, mas fracassaram principalmente após a abolição da escravidão quando o governo da república fomentou a imigração europeia (Ferreira, 2012, p.11-12)

De acordo com Santos e Silva (2024), reforça-se a ideia de que o embranquecimento se fundava em um processo de eugenia³, para que a população brasileira fosse “europeizada” ou melhor, embranquecida. Se o embranquecimento é, então, o recurso utilizado para resolver o problema do povo negro, esse recurso é também um processo social marcado pela violência. Nesse sentido, apesar de muitos brasileiros apresentarem fenótipos indígenas e africanos, identificam-se como brancos, porque têm a pele clara, ou não se reconhecem, ou porque a sociedade não os reconhece. E isso ficou incorporado na mente de muitos, ainda que inconsciente, como pontua Ferreira, (2012):

O branqueamento cultural, porém, o que ocorre através dos mecanismos psicológicos ficou introjetado no inconsciente dos negros e mestiços e isso pode ser percebido com o poder da cor dominante – a branca que foi trabalhada como a cor da perfeição, a cor da beleza, a cor da superioridade. (Ferreira, 2012, p. 12)

Na visão de Daniel Munduruku, em entrevista, todo brasileiro tem um pouco de ancestralidade indígena e africana, porém tende a desvalorizá-la. “Todo brasileiro traz consigo fagulhas, mínimas que sejam, de ancestralidade, seja europeia, indígena ou africana. A ancestralidade está nele” (Nonada, 2017).

Nascimento et al (2024), considera a formação da população brasileira por meio da mestiçagem de diferentes grupos étnicos como um pilar da identidade brasileira. A maioria da população brasileira tem ancestralidade mista, o que se traduz em uma variedade de tons de pele, características físicas e identidades culturais.

³Eugenia: “Para seus defensores, chamados de eugenistas, a eugenia era o caminho para melhorar biologicamente os seres humanos” (EUGENIA, 2024)

Contudo, essa diversidade étnica pode levar a conflitos culturais e desigualdades sociais.

A concepção da superioridade dos europeus sobre as demais culturas, contribuiu, de certa forma, para a reprodução de estereótipos, e discriminação no Brasil, repercutindo, inclusive, dentro do ambiente escolar, dificultando o reconhecimento das culturas indígenas e africanas por grande parte dos estudantes. Por essa razão, foi de suma importância fazer um estudo sobre o conceito de etnia articulado com os aspectos históricos da formação da população brasileira, para compreender os motivos pelos quais foi sendo construído estereótipos em torno da cor e fisionomia humana.

2.2 “COR DE PELE”

A cor da pele, sobre a perspectiva biológica, é determinada pela melanina, que de acordo com o dicionário, é “um pigmento proteico responsável pela pigmentação escura que, encontrado na pele, nos cabelos, pelos e nos olhos” (Ribeiro, 2025). Contudo, os entendimentos são mais complexos quando envolvem questões sociais e culturais, os quais ocorrem no ambiente escolar, particularmente nas aulas de Arte, no que diz respeito à representação da figura humana com uma cor padrão. Como a pesquisa em questão está voltada para a criação de rostos com vários tons de pele, busquei compreender formas de combater o estereótipo de cor na sala de aula, alinhado a uma educação antirracista.

No ambiente escolar ainda há o uso do estereótipo “Cor de pele”, tonalidade esta semelhante ao rosa claro, salmão ou coral” (Baliscai; Calsa e Godinho, 2017), pois os alunos a utilizam como opção de cor para a pintura da pele de uma pessoa no desenho.

Para Rodriguez; Euclides e Herneck (2023) quando expostas ao termo lápis cor de pele e sua representação como cor rosada e clara, as crianças sofrem as intercorrências na produção de sua subjetividade. A determinação de uma única cor como cor de pele suprime as demais cores, e as causas associadas a este fator propõem interpretações na relação entre colonizador e colonizado.

Baliscai; Calsa e Godinho (2017) dizem tratar de concepções políticas

problemáticas embutidas nos objetos técnicos da cor, que, no caso, ajudam materialmente a fixar um entendimento excludente. Por ter havido denúncias, ativismo de muitos educadores e militantes sociais, atualmente existem caixas de lápis intituladas “tons de pele”, valorizando as tonalidades de tons existentes.

Suzuki (2022), destaca que no ambiente escolar, especialmente nas aulas de arte, o uso da expressão cor de pele tem desencadeado reflexões e debates acerca da forma de representação da figura humana por apenas um tom de pele considerado padrão. Essa ideia está ligada a um contexto histórico e social do Brasil marcado pelo racismo estrutural, que valorizou o embranquecimento da população e se sustentou no discurso da chamada democracia racial, que oculta as desigualdades raciais existentes. Além disso, a autora ressalta que as imagens carregam valores culturais e contribuem para construir e refletir visões de mundo, influenciando a forma como a sociedade, os indivíduos e os grupos se percebem e são representados.

Além disso, a autora ressalta que as imagens carregam valores culturais e contribuem para construir e refletir visões de mundo, influenciando a forma como a sociedade, os indivíduos e os grupos se percebem e são representados.

Na escola, principalmente na aula de Arte, essa questão do “lápis cor de pele”, há alguns anos, vem despertando reflexões e debates sobre as formas e representação do corpo humano a partir dos processos de identificação na sociedade brasileira estruturalmente racista, que apostou no embranquecimento da população, sustentando pela farsa da tese da democracia racial. Toda imagem carrega em si valores culturais que produzem e refletem concepções sociais, individuais e coletivas. (Suzuki, 2022, p. 271)

Incentivar os estudantes a representarem a figura humana com vários tons, rompe com a ideia de que existe um único tom de pele, que restringe pessoas negras e indígenas. A pintura, assim, torna-se um instrumento pedagógico de educação antirracista na arte visual, pois ao misturar as cores e observar as diferenças os estudantes passam a perceber que existe uma diversidade de tons de pele. Conforme informado no Glossário Antirracista (2025), o tom rosado como uma única “cor de pele” é uma forma de impor uma visão de branquitude, ressignificar esse conceito é fundamental para fomentar uma educação inclusiva que reconheça a diversidade étnico-racial.

No contexto escolar, especialmente na Educação Infantil, a ideia de que existe uma única “cor de pele” para representar todos os tons é uma forma de impor uma visão de branquitude. Tradicionalmente,

essa “cor de pele” era representada por um tom rosado claro, excluindo a diversidade de cores reais. Resignificar esse conceito é essencial para promover uma educação inclusiva e valorizar a diversidade étnico-racial, além de contribuir para uma autoestima positiva em crianças negras, indígenas e asiáticas. (Glossário Antirracista on-line, 2025)

A discussão em torno da cor de pele leva à reflexão sobre como combater estereótipos percebidos durante as aulas de arte, pois a representação da figura humana incorpora questões sociais e culturais que foram construídas em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo estrutural. Esse processo dialoga com a educação antirracista, uma vez que busca reconhecer matrizes africanas e indígenas, contribuindo para a construção de uma consciência crítica, estimulando o respeito à diversidade no espaço escolar, de modo que todas as pessoas sejam respeitadas independentemente da sua cor, proporcionando o respeito por todas as cores e etnias.

2.3 RETRATO E IDENTIDADE

Retratar rostos é como compor uma poesia por meio de linhas e cores, na qual a diversidade de traços e tons de pele expressam sentimentos, e sobretudo revela traços de identidades, tanto do sujeito retratado quanto do artista que através de seu olhar consegue criar uma narrativa profunda de aceitação e reconhecimento de si mesmo.

O retrato, no entanto, como sinal de reconhecimento, pode também ser compreendido como um meio de conhecimento da vida interior do modelo, conhecimento do destino do homem retratado, e conhecimento da história na qual se inscreve a personagem representada (Mantovani; Canvara, 2015).

Por ser um registro visual, o retrato desafia a passagem do tempo, preservando expressões e identidades. Além disso, carrega narrativas históricas e culturais, funcionando como elo entre passado, presente e futuro. Para Mantovani, Canvara (2015) o retrato é uma atividade valiosa que remete aos mitos das origens da pintura, pois o retrato humano está no cerne da criação pictórica e revela a importância dada pelos seres humanos ao registro de sua imagem, para perpetuar a presença na ausência e resistir à passagem do tempo a partir da fixação da memória.

O retrato não é apenas a representação de outra pessoa, mas projeta consciente ou inconscientemente, aspectos do artista na imagem criada, significando que memórias, vivências e afetivas de si mesmo influenciam a imagem produzida.

A construção do retrato enquanto reflexo de quem retrata possibilita as seguintes reflexões: a imagem do retratado como reflexo no nível da sintaxe, na qual o sujeito é em alguma medida semelhante ao produtor da imagem ou ainda, o retrato ser uma extensão da subjetividade de quem retrata. A primeira questão se percebe em retratos na qual os traços fisionômicos, o olhar, enfim, a configuração formal do retratado se aproximam de quem o retratou. (Ikikami, 2015, p. 34)

Esse nível de sintaxe, como abordado pela autora, reflete a maneira como os elementos visuais ficam organizados na representação de um retrato, que se aproximam do produtor da imagem, estendendo-se para a sua subjetividade. que envolve sentimentos, experiências, memórias, afetos e vivências pessoais, que influenciam a maneira como o indivíduo constrói sua identidade ao longo do tempo.

Segundo Hall (2014) a identidade não está totalmente no sujeito, mas é produto da história, e conseqüentemente da cultura. Em seus estudos, ele traça um panorama histórico, mostrando como as mudanças sociais, da modernidade influenciam a forma como um indivíduo se vê. Para tanto, ele estabelece três identidades culturais: Sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O Iluminismo direciona para o sujeito centrado, com sua capacidade de pensar e agir de forma individual; já o sociológico, abrange o sujeito como um produto da relação entre as pessoas e a sociedade; e o terceiro, é o sujeito móvel, que se transforma pelo diálogo com a diversidade cultural.

Em se tratando de um ambiente escolar, o espaço social e cultural em que os alunos estão inseridos exercem muita influência sobre aquilo que eles pensam de si e do outro, mas quando eles dialogam e vão em busca de conhecimento aparece um leque de possibilidades, dando oportunidade de reconhecer seus valores, sentimentos e emoções. “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"- entre o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2006).

A escola não é apenas um local de transmissão de conteúdos, mas também um espaço onde o educando pode refletir como se vê e como se relaciona com os outros, através de atividades que os incentivam o conhecimento de si, como a criação de retratos, que o leva a analisar suas características físicas, sentimentos, expressões e

sobre a maneira como se percebe e como gostaria de ser representado. “O ambiente escolar pode ser um lugar apropriado para se trabalhar questões referentes à percepção e construção de um processo identitário” (Rauen; Momoli, 2015).

Assim, ao serem motivados a produzir retratos baseados em seu contexto cultural, os estudantes são estimulados a refletir sobre si mesmo e sobre o outro, contribuindo para a construção da identidade. Essa prática desperta um novo olhar sobre as diferenças, dando-lhes a possibilidade de refletirem sobre estereótipos e padrões de beleza construídos pela sociedade, principalmente aos relacionados a cor da pele e a fisionomia humana. Dessa forma, o retrato se torna um meio de expressão de identidades, fortalecendo a autoestima e valorizando a pluralidade presente no cenário educacional.

3 TRAMAS DE ESTRATÉGIA

Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, motivada pela necessidade de compreender em que contexto o Brasil se tornou um país multiétnico, assim como conceitos e abordagens, reunindo dados obtidos por meio de livros, artigos, monografias, dissertações entre outros. “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer fatos passados se não com base em dados bibliográficos” (Gil, 2002, p. 3). Foi também uma pesquisa artística, pois foi feito um levantamento de referências de artistas que produzem obras com temas relacionados à diversidade étnica, que possibilitou ampliar o repertório estético e cultural dos estudantes, permitindo reflexões sobre diferentes tons de pele, traços faciais e formas de representação presentes na arte. Na definição da metodologia, considerei o fato de estar desenvolvendo uma pesquisa centrada no processo criativo de estudantes, e ao mesmo tempo pondo em prática a minha experiência como professora artista, sendo um estudo de arte educação. Em vista disso, procurei informações acerca da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), sendo uma metodologia voltada à educação com foco nas artes, considerando os sentidos e a expressão criativa durante o processo de pesquisa (Neitzel; Steil; Francez, 2022).

Desse modo, fui direcionada para a A/R/Tografia, por ser uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem visual (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. A/R/T é uma metáfora para artista, pesquisador e professor (Belidson, 2013). Sob a visão de Irwin (2008), a mestiçagem é como uma metáfora para artistas-pesquisadores-professores que transpõem esses papéis as suas vidas profissionais e pessoais.

Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor, é viver uma vida consciente, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que intencionalmente nos coloca, em posição de perceber as coisas diferentemente. (Irwin, 2008, p. 96)

Ao estabelecer uma relação com criação de retratos de pessoas do ambiente cultural dos estudantes, vários olhares estiveram envolvidos nas produções artísticas, colocando em evidência a subjetividade do educando articuladas com a minha

experiência, estando como professora artista. A não neutralidade do pesquisador enriquece a pesquisa, pois estabelece uma interlocução constante entre o pesquisar e os sujeitos da experiência, sem evitar segregar sentimentos e desejos que circundam a vida humana (Neitzel; Steil; Francez, 2022). Nesse sentido, conciliei traços, cores e identidade, com a/r/tografia remetendo a significados vindos da memória que tenho de meus ancestrais, sendo algo de interpretação pessoal que passou a ser configurada através do estudo e prática das misturas de cores e de elementos faciais.

A pesquisa em Arte apresenta especificidades inerentes ao seu próprio campo de conhecimento, levando a uma abordagem própria de uma produção artística, pois não implica a utilização de um método definido. Segundo Rey (2002), o pesquisador constrói o seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa, o artista-pesquisador precisa produzir seu objeto de estudo com a investigação em andamento e daí extrair as questões que investigará pelo viés da teoria.

Ainda pelo ponto de vista de Rey (2002), a experiência com a pesquisa em arte também nos permite estabelecer alguns instrumentos para uma análise poética da própria obra e da(s) obra(s) de artistas que entram em relação com nosso trabalho, desde o nível mais simples até outros mais complexos que são: 1- verbalizar: é importante falar sobre o trabalho, explicar o que está sendo feito; 2- criar estratégias: é melhor terminar o trabalho prático antes de finalizar o texto; 3- estar atento a ambiguidades: é preciso observar o que está sendo contraditório nas suas obras e nas obras dos artistas estudados; 4- instrumentos para a pesquisa teórica: coletar dados para a pesquisa teórica, sempre que possível as obras originais; 5- conceitualizar: aprender a fazer uso das ferramentas teóricas para descobrir como a obra funciona; 6- as análises comparativas: o comparatismo diferencial consiste na tarefa de aproximar o que parece muito diferente, diferenciar o que parece muito semelhante; 7- redigir pequenos ensaios: é importante realizar exercícios de redação, desde o início da pesquisa; 8- apresentar claramente suas ideias: organizar bem as suas ideias na redação final; 9- expressar-se com propriedade: quando usar o eu, o nós e o impessoal na redação?; 10- apresentar os resultados de forma criativa: devemos considerar que a dissertação ou a tese é a reflexão resultante de um trabalho de criação, respeitando normas da ABNT.

A investigação pressupõe a análise de retratos criados por estudantes do ensino fundamental II, em que a metodologia se fundamentou na utilização de procedimentos científicos pertinentes ao objeto de estudo, produzindo resultados que contribuíram para a resolução da problemática pesquisada.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Ao organizar as etapas da pesquisa, considerei que o estudo se insere no campo das artes visuais e segue a linha de investigação “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”. O foco recai sobre a criação de retratos — tanto em desenho como em pintura, tendo como base a A/R/Tografia como metodologia, abordagem de Dias, (2013) e Irwin (2008), em consonância com o ponto de vista de Rey (2002). Além disso, o processo está integrado com objetos do conhecimento do currículo escolar municipal de ensino de arte, do ensino fundamental II, conforme BNCC (2017), e possui ações vinculadas às propostas de uma educação antirracista através da análise de imagens que envolvem questionamentos sobre a cor da pele e outros traços fenotípicos, combinando expressão criativa com reflexão sobre memória e pertencimento, procurando desconstruir estereótipos de padrões de representação da figura humana.

Para a realização das atividades, incluí obras de artistas brasileiros, que desenvolveram trabalhos que valorizam a riqueza étnica do Brasil, particularmente o retrato, ao trazer à tona a multiplicidade de identidades que compõem o nosso país, onde através da cor, textura, luz e composição dialogam com narrativas de reflexão social e cultural em meio a estereótipos de cor e representatividade. Mostrei no decorrer das práticas de criação as seguintes obras: Série de Retratos sobre a Diversidade Brasileira, de minha autoria, Carina Navegante (2012); imagens do Projeto “*Humanae: Qual é a cor da sua Pele?*”, de Angélica Dass (2012); a série “O Polvo” de Adriana Varejão (2014); a obra “O Rosto do Negro Brasileiro” de Dalton Paula, (2018).

Organizei as imagens da Série de Retratos da Diversidade Brasileira, apresentando as cinco retratos feitos com giz pastel seco, os quais foram o ponto de partida para a realização dessa investigação, tratando-se de representações de pessoas

com base em características de meus familiares e amigos, identificando a diversidade de tons de pele e feições faciais, resultando na criação de rostos com detalhes que remetiam às características dos povos indígenas, africanos e europeus, conforme minhas percepções, como ilustrado na figura 6.

Figura 6: Retratos da Diversidade Brasileira.



Fonte: Acervo Pessoal

Outra referência foram as fotografias do projeto *Humanae*, Qual a cor da sua pele? (Figura 7), desenvolvida pela artista Angélica Dass (2012), que consistiu no registro da cor da ponta do nariz de cada modelo, sendo catalogada no sistema *Pantone*, como se fosse uma biblioteca de cores que registra uma escala humana de tons de pele. Nobre (2021) descreve o projeto *Humanae* como uma catalogação na qual consegue demonstrar que ninguém é da mesma cor, sendo a cor de pano de fundo estabelecida

pela ponta do nariz. Na análise da autora, há uma postura crítica em relação ao modo como as pessoas são vistas e diferenciadas em razão da cor da pele e, conseqüentemente, uma denúncia do preconceito que daí deriva.

Figura 7: *Humanae*, de Angelica Dass



Fonte: Disponível em: <https://juan314.wordpress.com/2012/07/09/humanae-by-angelica-dass/>.
Acesso em: 30/04/2025.

Adriana Varejão por sua vez produziu a série “O Polvo” (2014), como mostra a figura 8, foi idealizada a partir de uma pesquisa do IBGE, realizada em 1976, com a seguinte pergunta: “Qual a sua cor de pele?”, tendo várias respostas, como exemplos: “cor de canela”, “cor de cuia”, “acastanhado”, entre outras. Com isso, a artista percebeu que havia uma política de silenciamento sobre a cor da pele, “em uma pintura de seu rosto feita por um artista desconhecido, sob encomenda, ela fez uma intervenção com tonalidades diferentes” (Nobre, 2021, p.18).

Figura 8: Tintas Polvo e Retrato de Adriana Varejão



Fonte: <https://observatoriodadiversidade.org.br/imagens-da-diversidade/as-cores-do-brasil/>.

Acesso em: 28/04/2025.

Dalton Paula é um artista visual brasileiro cuja produção se insere no campo da arte contemporânea, e se caracteriza pela pesquisa da memória afro-brasileira, visando à reparação de uma lacuna histórica e à valorização de personalidades negras apagadas da narrativa dominante. “Paula é um artesão multifacetado, seus trabalhos vão desde as pinturas, passando pela fotografia e vídeos até performances, mas sempre tocando as questões raciais, que são o cerne de suas pesquisas artísticas” (Batista, 2025). A série Retrato do Negro Brasileiro, (2018), como ilustra a figura 9, apresenta algumas das figuras negras históricas que tiveram imagens apagadas ou não registradas.

Figura 9: Retrato do Negro Brasileiro de Dalton Paula



Fonte <https://braziljournal.com/dalton-paula-e-o-rost-do-negro-brasileiro-chegam-ao-moma/>.

Acesso em 30/10/2025

No que diz respeito os sujeitos da pesquisa, selecionei oito estudantes, quatro do 8º e quatro do 9º ano do Ensino Fundamental II, cuja faixa etária varia entre 13 (treze), 14 (catorze) e 15 (quinze) anos, pois seria inviável trabalhar com uma turma, visto que seria um ano de aplicação de prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), envolvendo os alunos do 9º ano, mas que acaba interferindo no andamento das aulas de Arte do 8º ano, devido a programação de várias atividades extras na escola. Estabeleci os seguintes critérios: o desempenho nas atividades de desenho e pintura, realizadas em sala de aula, assiduidade, responsabilidade e comprometimento. Dos estudantes envolvidos, três integravam o projeto que eu estava coordenando na escola, “Cor e Identidade: Criação de Retratos Por Meio do Estudo da Série ‘O Polvo’, da artista Adriana Varejão”, vinculado ao Programa Ciência na Escola e mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), e três do 9º ano participaram em 2024, no início da investigação.

A Biblioteca, Sala de Mídias e Refeitório da Escola Municipal Professora Antônia Pereira da Silva, foram os locais de realização da prática com os estudantes, às quartas-feiras, no dia do HTP-Horário de Tempo Pedagógico dos Professores de Arte, e no 4ª e 5º tempo de sexta-feira, no turno matutino, acordado com a gestora e professores das turmas dos participantes da pesquisa. Assim, cada fase dessa investigação, bem como os seus respectivos procedimentos foram implementados no âmbito de seis encontros, sendo complementados nas aulas de arte.

A partir do segundo encontro, foi necessário dividir em dois grupos, pois não estavam nivelados, já que os estudantes do 9º ano estavam mais avançados em conhecimento da técnica para a criação de retratos, ficando para os últimos tempos de quarta-feira, enquanto os do 8º ano estiveram no contraturno. Assim, alguns encontros ocorreram no turno vespertino, mediante autorização dos responsáveis, e os que não puderam estar presentes à tarde, reuni nos meus tempos vagos de sexta-feira, reforçando ou tirando dúvidas nas aulas de arte.

Como veículo de comunicação entre os participantes da pesquisa, com consentimento dos pais ou responsáveis, criei o grupo de whatsapp “Arte Retratos: Profa. Carina Navegante”, através do qual enviei vídeos e imagens para reforçar e incentivar a prática do desenho e da pintura, e para tirarem dúvidas, além de avisos e

informações sobre a exposição de arte. A mediação tecnológica por meio desse aplicativo, possibilitou interações e acompanhamento do processo criativo dos participantes, favorecendo trocas mais rápidas e colaborativas, conectando criação, pesquisa e ensino, conforme os princípios da Artografia.

Como suporte visual, durante os encontros as obras de referências foram apresentadas através de projetor multimídia ou diretamente em meu notebook, além da exposição de minhas pinturas e desenhos reunidos em minha pasta catálogo.

Quanto ao material para a produção artística, utilizei o papel sulfite tamanho A4, papel 40kg, lápis HB/nº2 e borracha para o esboço inicial, lápis de cor, tinta guache, potes ou copo para água, bandeja de isopor, pano ou papel toalha, tela pequena (opcional) e pincéis chatos nº 4 ou nº 6 e pincel filete. Esses materiais foram escolhidos por serem mais acessíveis aos alunos, na questão do preço e serem mais fáceis de encontrá-los nas proximidades da escola, visto que ela está situada em um bairro distante do centro de Manaus, onde há mais variedade de comércios. Alguns dos materiais foram disponibilizados por mim, e outros pelos estudantes.

3.2 ENCONTROS: ESTRATÉGIA E CRIAÇÃO DOS ESTUDANTES

Elaborei um plano de estratégias de ensino e aprendizagem para a coleta de dados da pesquisa, sendo distribuídos nos cinco primeiros encontros, em dois momentos: um para leitura de imagens, e outro para a prática do desenho e da pintura. Já para o sexto encontro, foi organizado apenas para a produção dos retratos, sendo necessário dois encontros extras (7º e 8º) para os estudantes que não conseguiram finalizar a pintura dos retratos, conforme Quadro I.

Encontros	Leitura de Imagens	Prática do Desenho e Pintura
1º	➤ “Retratos da Diversidade Brasileira” Artista Carina Navegante: apresentação da proposta;	• Construção do Rosto Humano: esquemas simples de desenho das feições humanas. • Desenho por meio da observação de olhos, sobrancelhas, bocas e narizes dos alunos;
2º	➤ Roda de conversa sobre as fotografias da artista Angélica Dass do projeto “Humanae, qual é a cor da sua pele?”	• Construção do Rosto Humano: desenho do rosto na posição frontal, perfil e semiperfil.
3º	➤ Observação de Imagens de Pessoas de várias etnias	• Pintura de pessoas com várias etnias; • Pintura do desenho de rostos usando lápis de cor.
4º	➤ Roda de conversa sobre a obra “O Polvo” da artista Adriana Varejão	• Produção de paleta de cores e árvore genealógica de tons de pele através da mistura com a tinta guache.
5º	➤ “Rosto do Negro Brasileiro” do artista Dalton Paula	• Criação de Retratos usando a tinta guache
6º		• Criação de Retratos usando a tinta guache
7º e 8º Extras		• Criação de Retratos usando a tinta guache

Quadro 1- Planejamento Estratégico do Processo de Criação

1º Momento – Leitura de Imagens: Análise das Imagens da série “Retratos da Diversidade Brasileira”, de Carina Navegante; roda de conversa sobre as obras do “Projeto Humanae: Qual é a Cor da sua Pele?” de Angélica Dass, e a série “O Polvo” de Adriana Varejão; apresentação dos retratos de Dalton Paula, “O Rosto do Negro Brasileiro”.

Início dos encontros com a apresentação da proposta de criação por meio da série “Retratos da Diversidade Brasileira”, de minha autoria, relatando o motivo da escolha do tema, sobre o meu processo de criação e a finalidade do projeto de pesquisa.

Para o segundo e quarto encontro programei roda de conversa com questões a respeito das obras da artista Angélica Dass e Adriana Varejão, tendo por finalidade, promover uma escuta ativa para que os educandos pudessem compartilhar suas experiências, desenvolvendo um aprendizado individual e coletivo, estando

organizada da seguinte forma:

Projeto Humanae da artista Angélica Dass:

- 1- De onde são as pessoas retratadas?
- 2- Algumas têm semelhanças com vocês ou comigo? Por quê?
- 3- Por que vocês acham que a artista fez fotografias do rosto de várias pessoas?
- 4- Vocês conseguem identificar as cores da pele de vocês?
- 5- De que cor vocês pintam as pessoas nos seus desenhos?
- 6- Qual é a sua cor de pele?

Série “O Polvo” da artista Adriana Varejão:

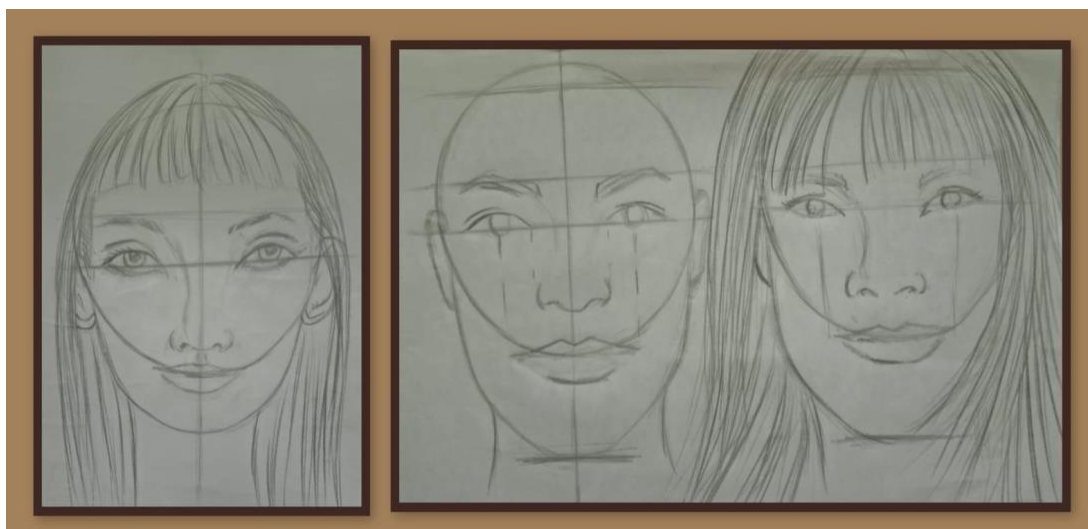
- 1- Quais são as cores que vocês conseguem identificar nos retratos?
- 2- Por que ela pintou apenas um detalhe do seu rosto?

No sexto encontro programei uma apresentação sobre “Rosto do Negro Brasileiro” do artista Dalton Paula, que reescreveu imagens de sujeitos negros que fizeram parte da história e que foram apagadas ou ignoradas pela história oficial. A finalidade foi ressaltar a importância de criar retratos inspirados nos familiares dos estudantes, como forma de ter um diálogo com sua ancestralidade, mantendo viva a memória de alguém que fez parte de sua origem.

2º Momento: Prática do Desenho e da Pintura com apresentação de esquemas básicos para a construção do rosto humano, técnica de sombreamento, mistura de cores e criação de retratos.

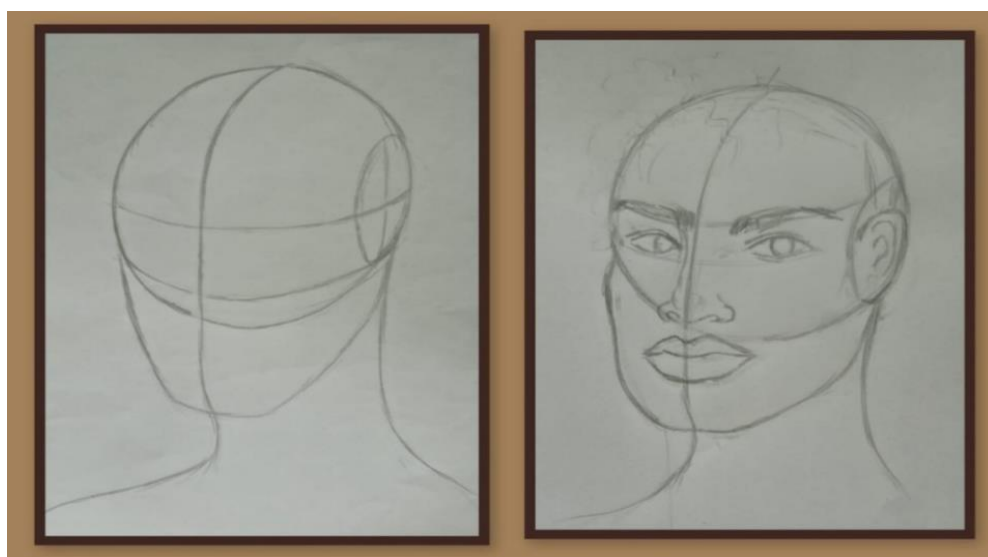
Construção do rosto humano: Elaborei para o primeiro e segundo encontros uma aula expositiva de desenho dos olhos, sobrancelhas, bocas e narizes, e um esquema básico de proporção do rosto humano com base no desenho realista, somando-se com a minha experiência como desenhista e retratista. Essas atividades tinham como objetivo fazer com que os estudantes desenhassem as feições faciais dos colegas através da observação, como forma de perceberem as diferenças dos traços como o tamanho e forma e ter uma noção de construção do rosto humano na posição frontal, perfil e semiperfil, como ilustram as figuras 10 e 11.

Figura 10: Esquema de desenho do rosto humano. Modelo 1



Acervo Pessoal

Figura 11: Esquema de desenho do rosto humano. Modelo 2



Fonte: Acervo Pessoal

Técnica de Sombreamento: para apresentar no terceiro encontro, produzi uma pintura com lápis de cor, onde apliquei a técnica de sombreamento, para que os estudantes entendessem sobre as mudanças de tonalidades da cor no rosto e cabelo, conforme a sombra e a iluminação, utilizando mais de uma cor, conforme figura 12.

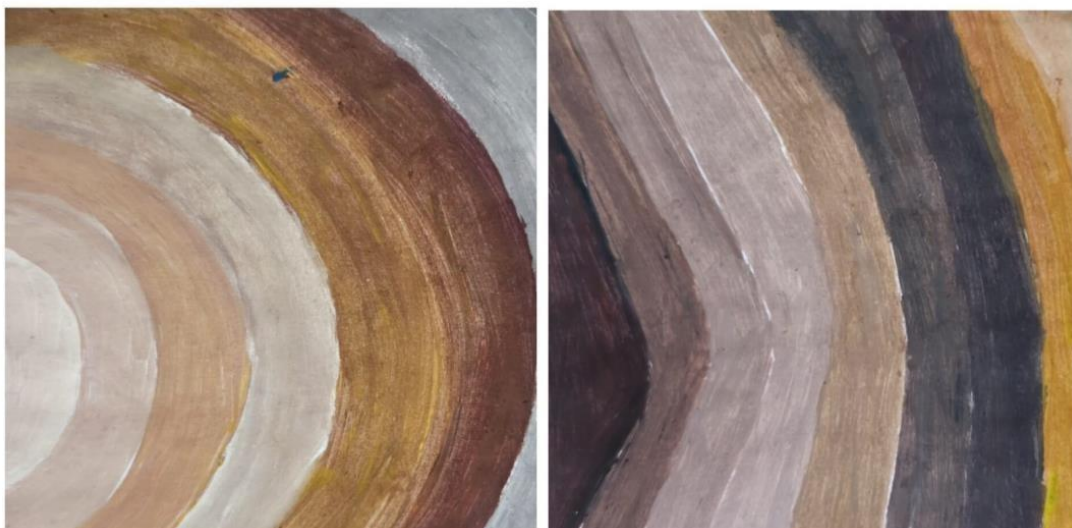
Figura 12: Rosto de uma mulher. Técnica: lápis de cor. Criação: Professora



Fonte: Acervo Pessoal

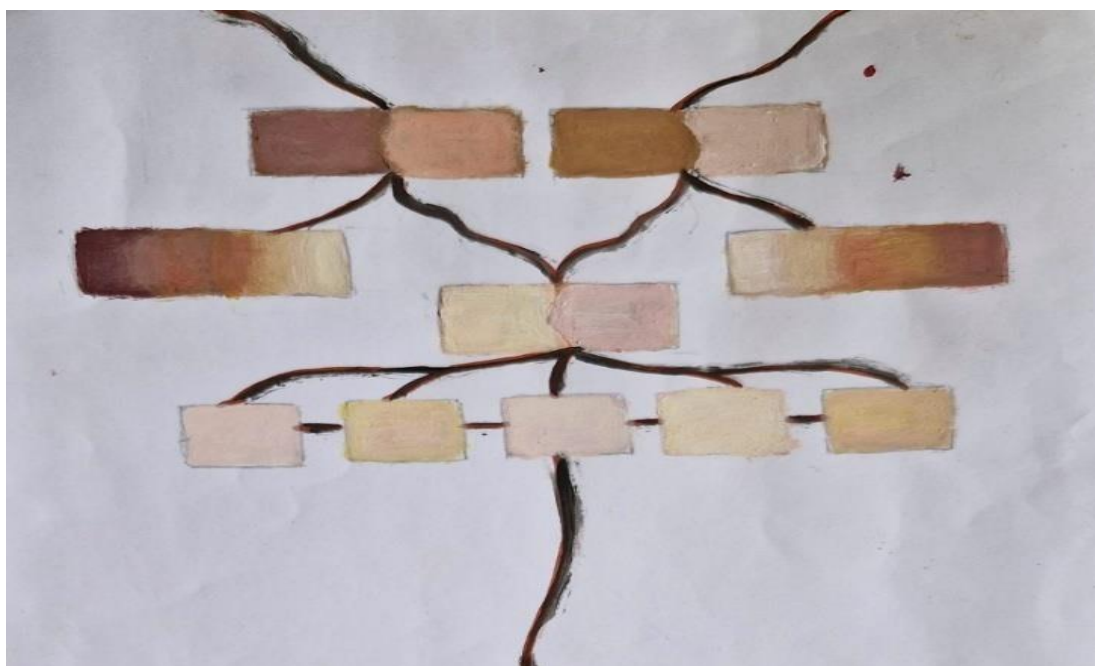
Mistura de Cores: para o quarto encontro, fiz misturas com as cores primárias e neutras, usando a tinta guache, construindo paletas e árvore genealógica de tons de pele com tonalidades aproximadas dos meus familiares (figuras 13 e 14), no intuito de fazer os participantes da pesquisa buscarem nas suas memórias os tons de seus familiares, assim, começar a criar retratos inspirados na sua ancestralidade.

Figura 13: Paletas de tons de pele. Criação: Professora



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 14: Árvore de Tons de Pele. Criação: Professora



Fonte: Acervo Pessoal

Criação de Retratos: para os três últimos encontros (6º, 7º e 8º), produzi retratos com tinta guache, tendo como base características de cabelo, feições faciais e tonalidades de pele que percebi entre os alunos, (figura 15), como forma de expor possibilidades de criação dentro de um contexto próximo dos educandos, me

posicionando como professora a/r/t/ógrafa, assumindo a própria prática artística como ato de ensinar e investigar.

Figura 15: Retratos feitos pela professora. Guache sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Com as estratégias de ensino, aprendizagem e criação organizadas, foi possível dar andamento da pesquisa, realizando oito encontros, tendo início no mês de setembro e finalizando na primeira quinzena de novembro de 2025.

1º Encontro:

Na sala de mídias da escola, realizei o primeiro encontro, começando com a apresentação da proposta de criação, mostrando as pinturas da série de “Retratos da Diversidade Brasileira”, arquivadas em uma pasta catálogo, de minha autoria, seguido de aula expositiva de desenho dos elementos faciais do rosto humano, e prática do desenho por meio da observação.

No primeiro momento, apresentei cinco pinturas da série de “Retratos da Diversidade Brasileira” feitos com giz pastel seco, através dos quais relatei sobre as motivações para a escolha do tema dos retratos. Falei a eles que quando estava aprendendo a desenhar, a maioria das pessoas que eu representava tinha a pele clara e características de rosto de europeus, pois observava modelos de revistas que seguiam

um padrão que não condizia com a população brasileira. Conforme ia produzindo retratos sob encomenda, fui percebendo a variedade de tons de pele e detalhes da fisionomia mais característicos de indígenas, africanos e asiáticos, assim, desenvolvi retratos baseados em meus familiares, amigos do Amazonas e de pessoas de outros locais do Brasil. As imagens foram apresentadas aos estudantes com o intuito de observarem a variedade de cores e outros fenótipos, e perceberem que eu, artista professora, faço parte dessa diversidade, e que as imagens tinham relação com o meu entorno cultural. A perspectiva do professor de arte, enquanto produtor visual, é fundamental para conduzir, neste contexto, uma pesquisa voltada para à criação de retratos.

No segundo momento, desenhei na lousa, algumas maneiras simples e práticas das formas dos olhos, bocas, narizes, sobrancelhas e tipos de cabelo, conforme a figura 16, tendo como base o desenho realista, e minha experiência como retratista, mas mostrando características mais comuns que podem evidenciar a descendência indígena, africana e asiática, que apesar de existirem vários tipos, há os mais comuns devido ao tamanho, formatos e a origem étnica.

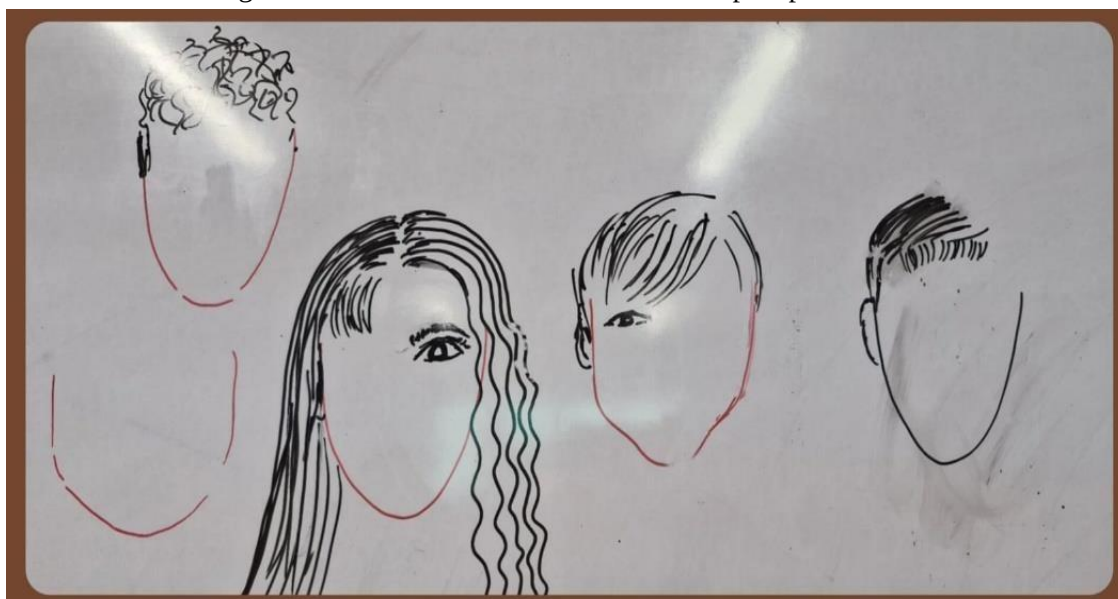
Figura 16: Desenhos dos elementos faciais feitos na lousa feitos pela professora



Fonte: Acervo Pessoal

No decorrer da aula observei alguns tipos de cabelo, do liso para o encaracolado, formato dos rostos, fazendo o desenho com o marcador no quadro branco para os estudantes visualizarem a diversidade entre eles, conforme ilustrado na figura n 17.

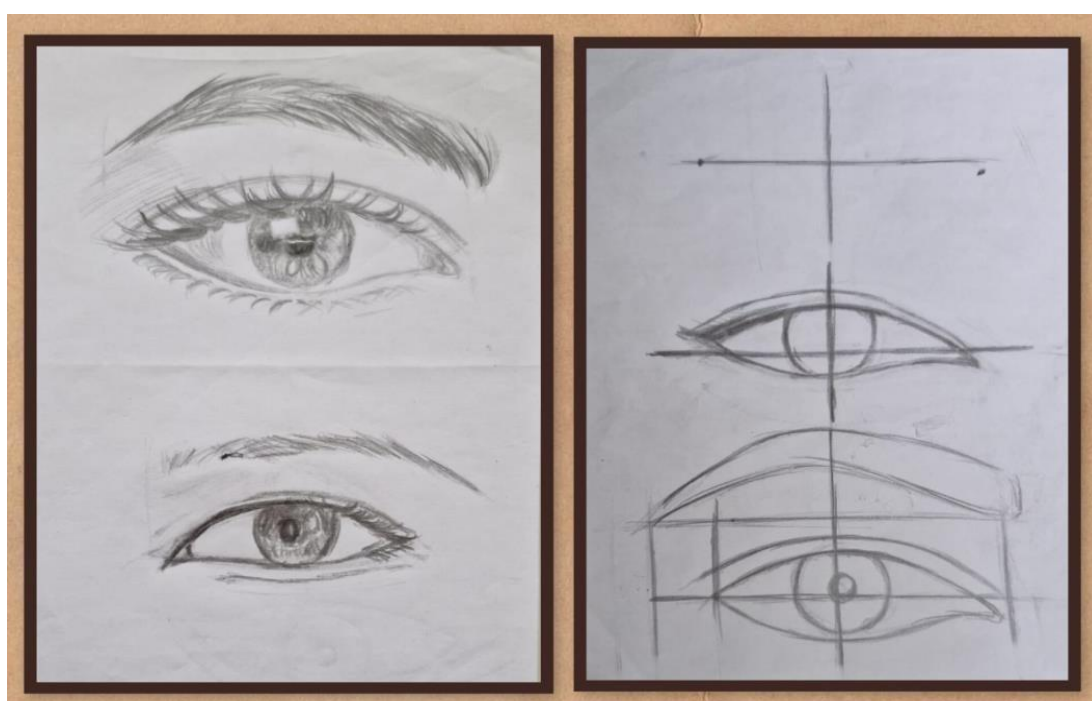
Figura 17: Desenho de rostos feitos na lousa pela professora



Fonte: Acervo Pessoal

Dando sequência a aula expositiva, retirei os meus desenhos que estavam organizados em uma pasta catálogo, e mostrei aos estudantes os elementos faciais feitos a lápis sobre o papel sulfite, para eles observarem os detalhes de luz, sombra com a transição de tons (degradê), já estudados nas aulas de arte, sendo reforçado e aprofundado para a criação de retratos.

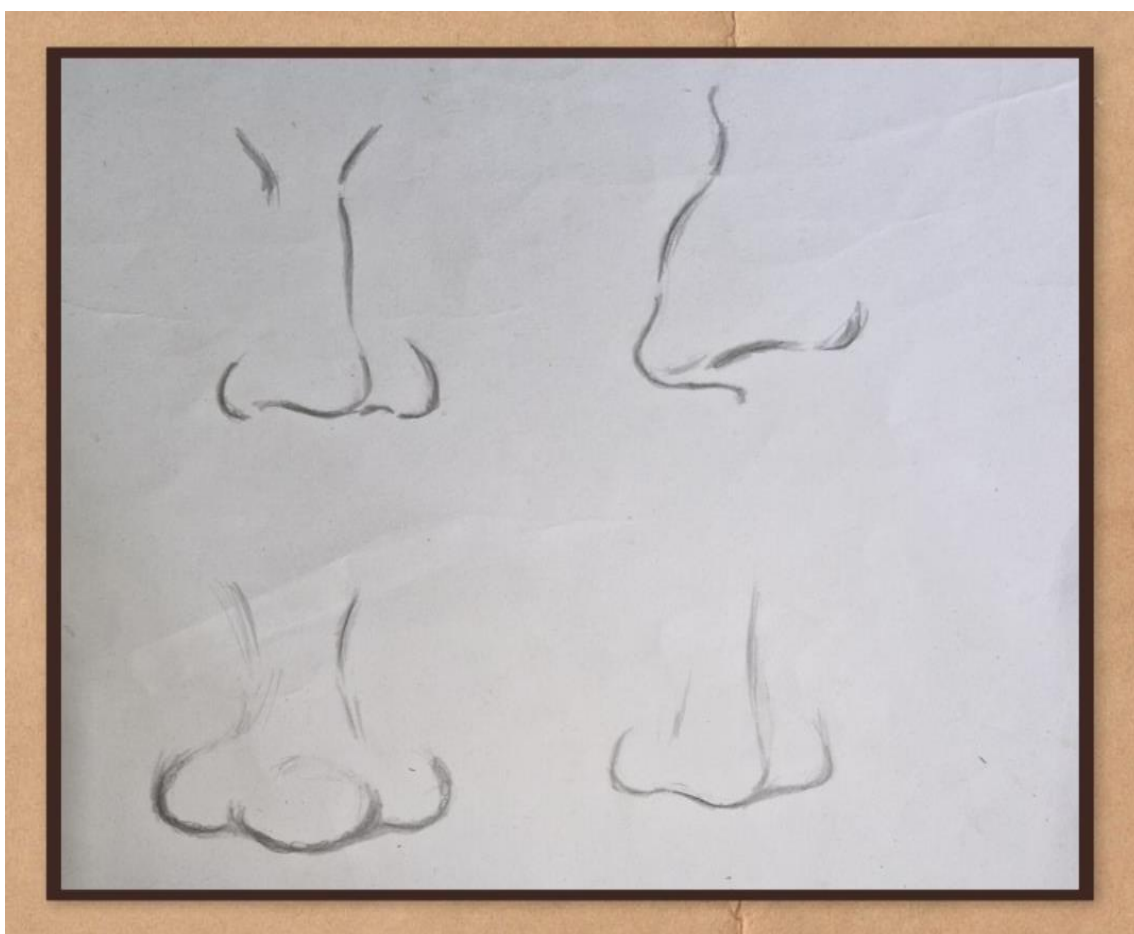
Figura 18: Desenho de olhos. Criação: professora



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 18 apresenta os esquemas de desenho de olhos, que mostrei no primeiro encontro aos estudantes, sendo dois tipos, um grande, mais aberto, mostrando a íris, e outro menor, com uma leve dobra epicântica, popularmente chamado de “olhos puxados”. “O que entendemos por “olhos puxados” é chamado pela ciência de dobra epicântica (ou apenas epicanto)” (Galileu, 2025).

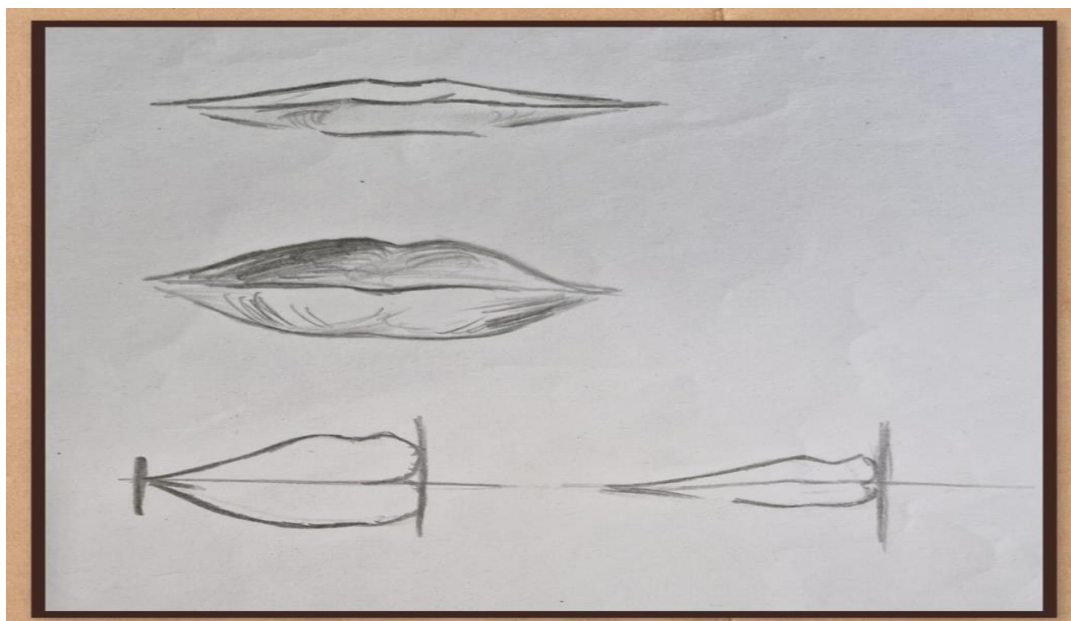
Figura 19: Desenho de tipos de narizes. Criação: professora



Fonte: Acervo Pessoal

Pode-se ver na figura 19 alguns tipos de narizes apresentados no primeiro encontro: o adunco, mais longo com a ponta afinada com uma protuberância mais curvada, o nariz com as narinas mais largas, ponta arredondada.

Figura 20: Desenho de Bocas. Criação: professora



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 20 ilustra dois desenhos que fiz de dois tipos de boca, na forma frontal e semiperfil, um de lábios grossos que são marcantes no rosto das pessoas negras e lábios finos associados à caucasiana.

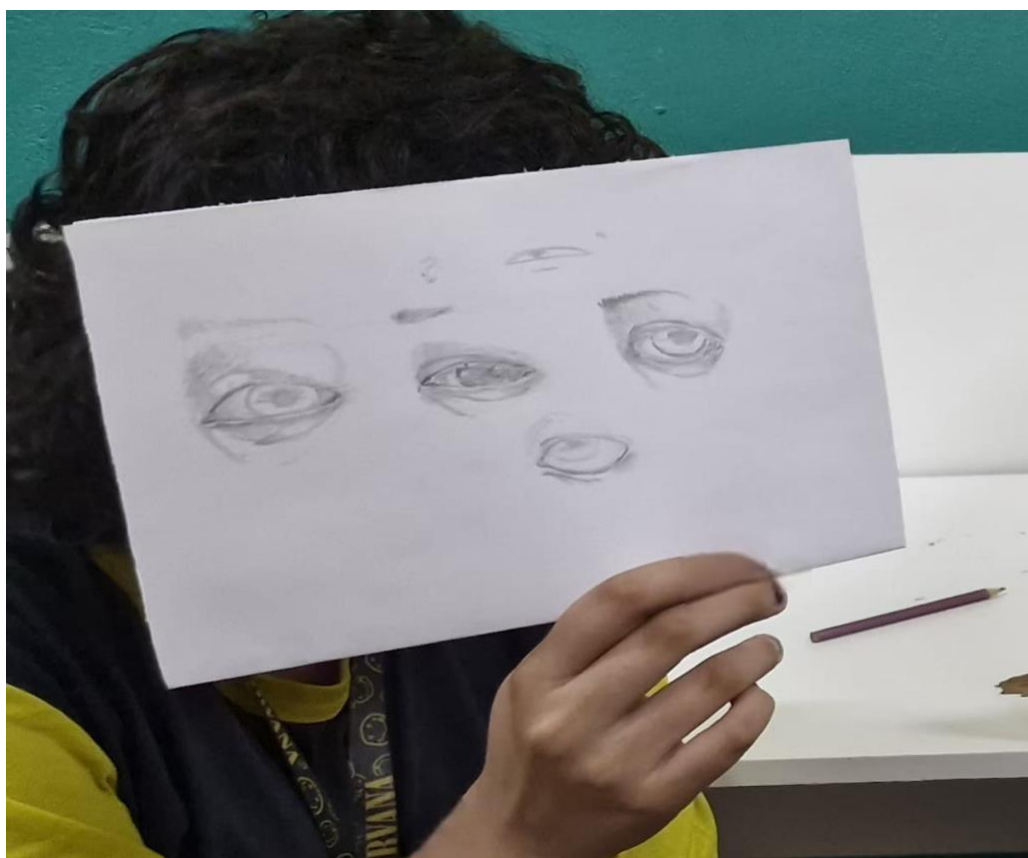
Na primeira atividade prática os estudantes observaram os detalhes das feições faciais dos colegas, desenhando olhos, bocas e narizes como forma de perceberem a variedade de fisionomia entre eles, captando as diferenças dos traços como o tamanho e forma, conforme mostram as figuras 21, 22, 23 e 24.

Figura 21: Estudantes com os seus desenhos de bocas.



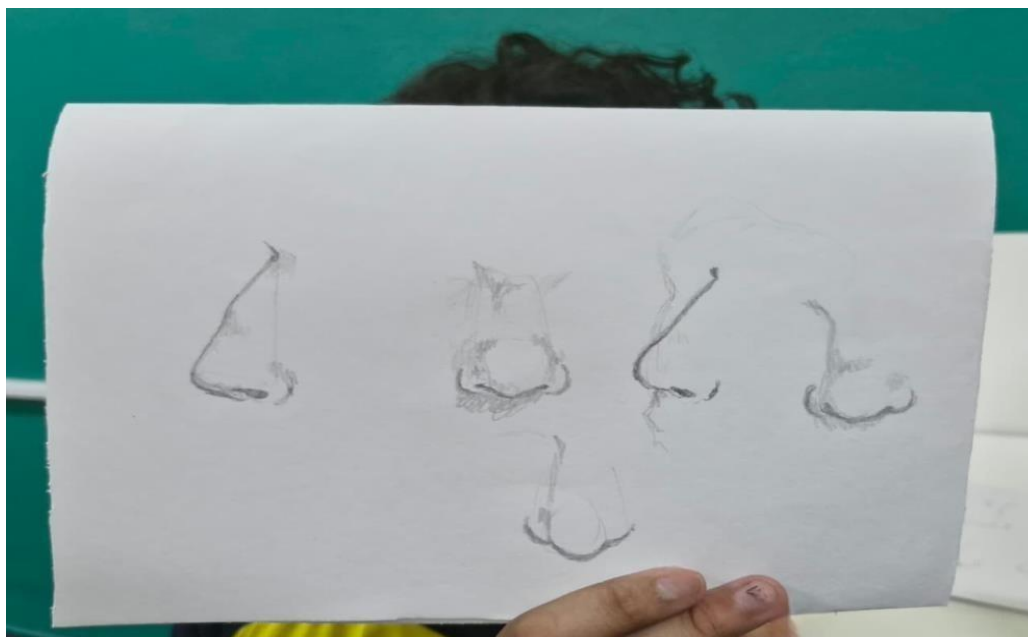
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 22: Desenho de olhos. Criação: estudantes



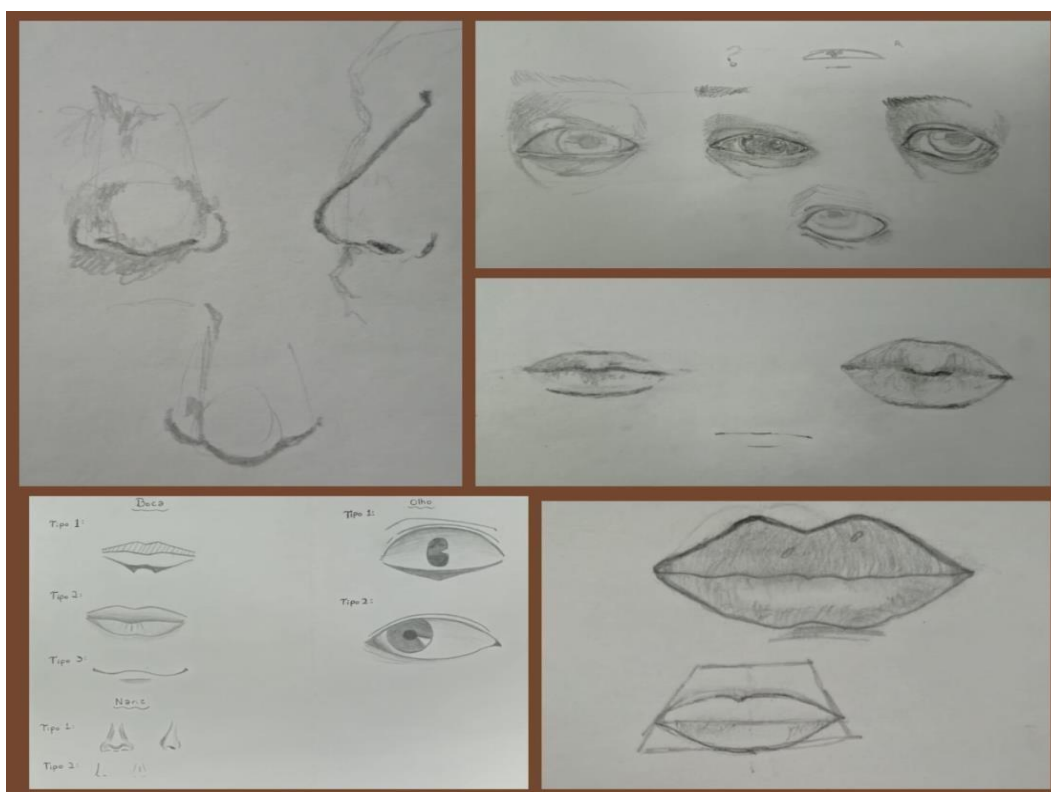
Fonte: Acervo pessoal

Figura 23: Desenho de nariz criação estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 24: Desenho dos elementos faciais. Criação: estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

2º Encontro

No primeiro momento do segundo encontro, apresentei imagens do Projeto Humanae da artista Angélica Dass, por meio de um projetor multimídia, realizando uma roda de conversa, e no segundo momento, ensinei como fazer a forma básica da construção de um rosto frontal, de perfil e semiperfil.

Roda de conversa: fiz perguntas sobre as imagens, permitindo que os estudantes pudessem conectá-las ao seu próprio contexto e experiências, gerando discussões mais ricas e significativas, servindo como repertório e inspiração para a criação de retratos.

1- De onde são as pessoas retratadas?

Pela visão dos estudantes havia indianos, alemães, americanos, brasileiros e asiáticos japoneses e coreanos.

2- Algumas têm semelhanças com vocês ou comigo? Por quê?

Todos responderam sim, porque tinham algumas cores próximas das tonalidades deles, uma pele de cor marrom para o amarelo; uma das imagens tinha o cabelo cacheado e liso, alguns tinham olhos puxados que eram características comuns entre eles.

3- Por que vocês acham que a artista fez fotografias do rosto de várias pessoas?

A maioria achou que a artista realizou esse projeto para combater o racismo, mostrar que existe uma diversidade de tons de pele e características físicas por todo o planeta.

4- Vocês conseguem identificar as cores da pele de vocês?

A maioria respondeu que veem a sua cor sendo meio amarelo e pardo “escurecido”.

5- De que cor vocês pintam as pessoas nos seus desenhos?

A maioria relatou que pinta a figura humana nos seus desenhos com a cor laranja e rosa, raramente pintavam de marrom. Alguns disseram que costumavam representar personagens de animes e História em Quadrinhos (HQ) que tinham a pele clara.

Nessa questão, um dos participantes disse que quando pediam para ele a cor de pele, ele pegava o lápis marrom.

6- Qual é a cor da sua pele?

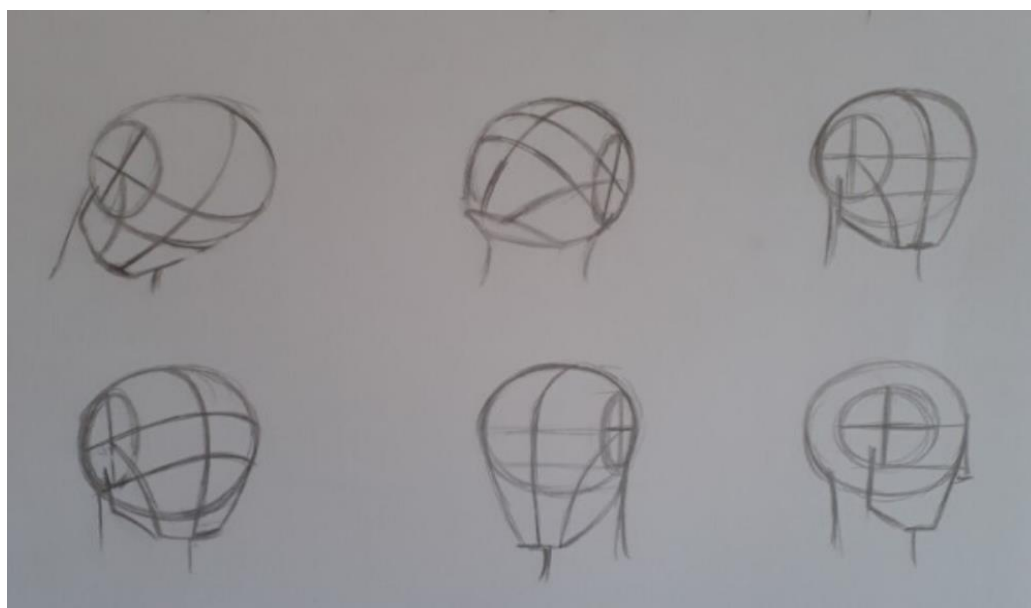
A maioria respondeu pardo por não se considerarem brancos e nem pretos.

Fiz uma pergunta que não estava no plano da pesquisa, se eles tinham conhecimento de seus ascendentes. Uns responderam que a avó era indígena e um disse ser descendente de escravizado, e falou que sua mãe sofreu muito preconceito na escola.

Finalizei a leitura de imagem e roda de conversa, falando sobre Angélica Dass que é uma artista negra que desenvolveu o Projeto Humanae, como uma forma de mostrar as várias cores da humanidade, pois o racismo ainda é muito presente pelo Brasil e pelo mundo.

Após a roda de conversa, mostrei a forma básica da construção de um rosto frontal, de perfil e semiperfil, destacando os traços que delimitam o contorno do rosto, assim como as particularidades existentes em relação ao tamanho e distância dos elementos faciais, complementando com uma imagem do método *Loomis*, (figura 25), técnica de visualização que ajuda a criar uma representação mais precisa e tridimensional no rosto humano, e a técnica dos três terços da face, dividindo o formato do rosto em três linhas horizontais, com base em cursos de desenho realista.

Figura 25: Método *Loomis*.



Fonte: <https://ocaminhodaarte.com/como-desenhar-rosto/> Acesso em: 01/09/2025

Foi importante apresentar alguns métodos de desenho da face humana, pois os estudantes puderam conhecer maneiras práticas de construção do rosto humano, sem precisar necessariamente de um modelo, permitindo que identificassem a posição dos elementos faciais para a criação de retratos, onde a expressão e a emoção podem ser transmitidas por um simples olhar, por exemplo.

Partindo para a prática, os estudantes procuraram desenhar o rosto humano na posição frontal, de perfil, semiperfil, começando a representar a expressão humana, destacando detalhes dos elementos faciais como o nariz, e alguns fizeram estudos mais detalhados e anotações de cores que seriam mais tarde usadas na pintura do retrato, conforme ilustram as figuras 26 e 27.

Figura 26: Rosto frontal. Criação: estudantes

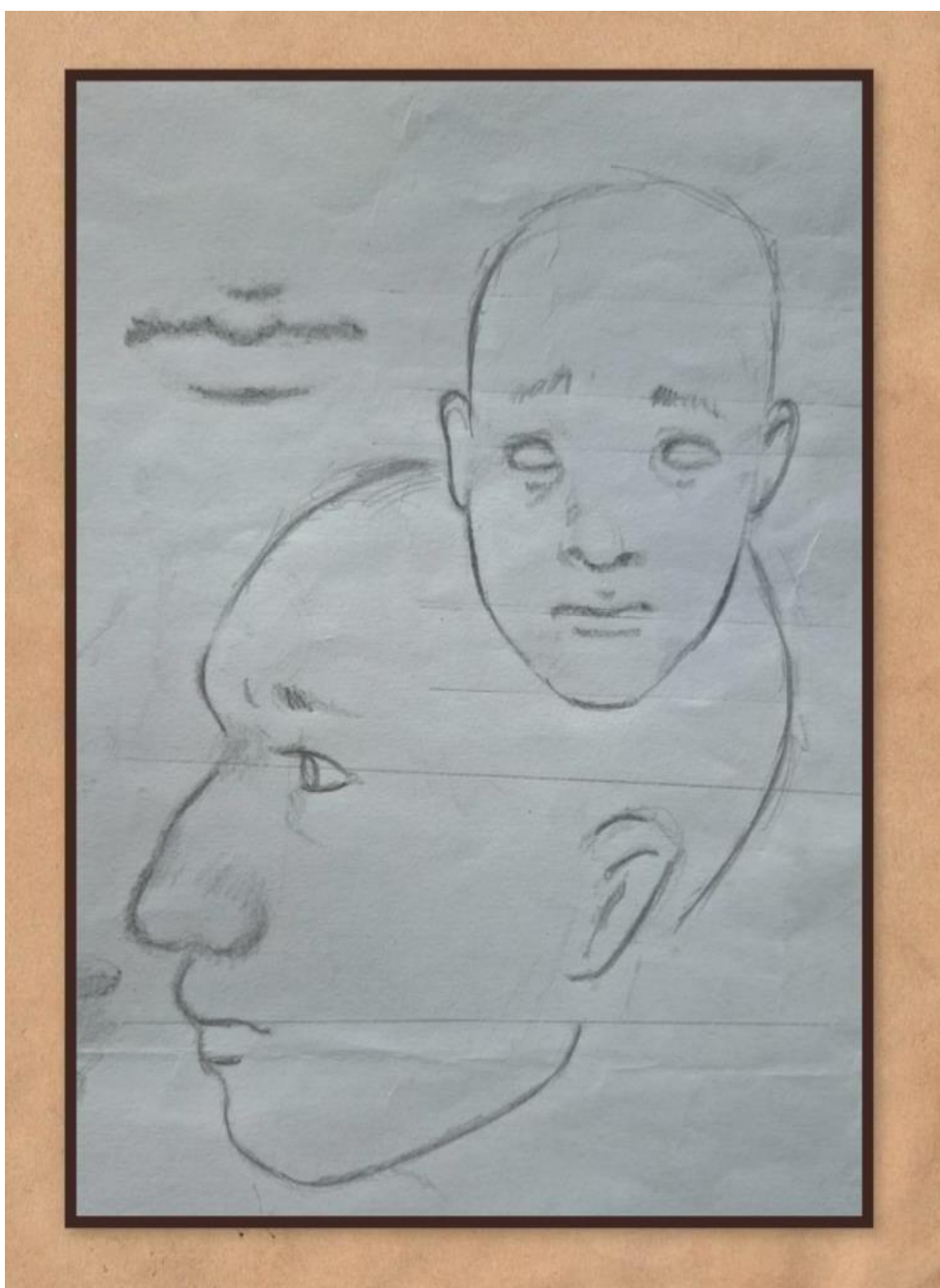
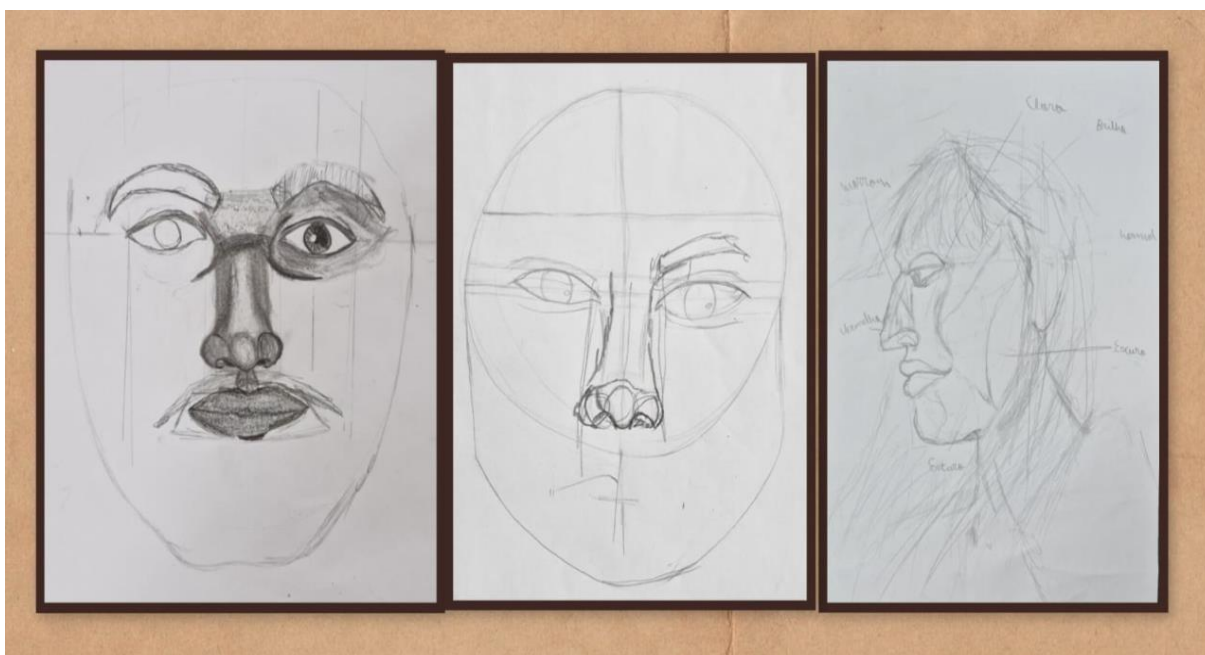


Figura 27: Esquema de desenhos do rosto humano. Criação: estudantes



Acervo Pessoal

3º Encontro:

Nesse encontro, fiz o desenho de um rosto semiperfil e o pinte com as cores de lápis de cor escolhidas pelos estudantes, vindas de uma caixa de 24 cores, possuindo várias tonalidades de pele. Primeiramente, pedi que eles escolhessem uma cor mais clara e uma mais escura, eles prontamente indicaram um marrom escuro e um marrom claro, e para as partes mais iluminadas sugeriram pintar com um pouco de laranja, o rosa para a boca e o preto para o cabelo, como ilustrado na figura 28.

Figura 28: Processo de criação de um retrato feito pela professora



Fonte: Acervo pessoal

Eu poderia ter usado uma caixa de lápis de cores de pele, que tem no mercado atualmente, mas a maioria dos estudantes costumam comprar seus materiais em papelarias situadas pelo bairro, e nenhuma delas vendia lápis de cores de pele, e é importante utilizar materiais mais acessíveis.

Um dos pontos de relevância dessa pesquisa está em diversificar as tonalidades da representação da figura humana, saindo do “lápis cor de pele”, relacionado ao lápis rosado, como sendo o padrão para representação da cor de uma pessoa, e mesmo numa caixa contendo 12 cores, tem outras opções que se enquadram

a outras cores de pele, havendo também, a possibilidade de sobrepor uma cor sobre a outra, que misturadas podem obter outros tons.

Na aplicação de camadas leves e sobrepostas na pintura do desenho de um rosto, usando o lápis de cor, pode ser feita com cores complementares, como o verde e o vermelho, criando sombras mais escuras, pode também ser utilizado um tom mais claro e mais escuro de uma determinada cor, como marrom claro e marrom escuro, escolhida pelos estudantes, além de poder fazer a transição do escuro para o claro, o degradê, com uma única cor.

Apresentei imagens de pessoas com várias etnias, extraídas de sites. Logo depois, os estudantes escolheram uma imagem para se inspirarem e criarem um rosto utilizando o lápis, para começarem a perceber os detalhes dos elementos faciais, trabalhando a proporção. Eles procuraram ampliar o desenho, com imagens na posição frontal e perfil, sendo que alguns já colocavam expressão no olhar, anotações dos tons de pele com base no reflexo de luz e sombra.

Cada participante escolheu uma imagem, e a reproduziram observando-a, aplicando mais de uma tonalidade de lápis de cor, pintando de acordo com sua percepção, não precisando necessariamente fazer igual ao modelo, como ilustra a figura 29.

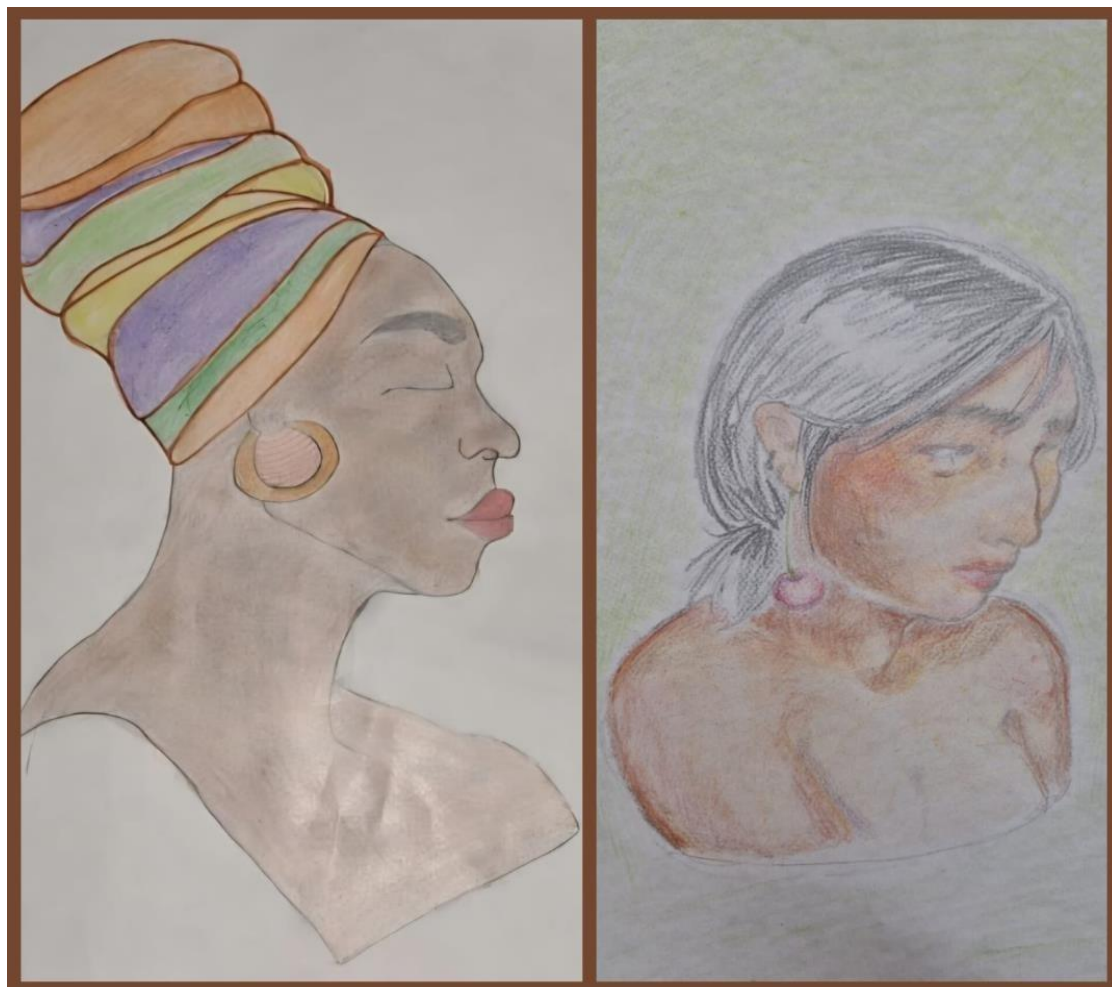
Figura 29: Estudantes pintando retratos com lápis de cor



Fonte: Acervo pessoal

Foi essencial nessa etapa a observação de pessoas com variedade de traços fenotípicos, pois o desenho de retrato exige atenção aos detalhes, e cada rosto tem características únicas. Praticar diferentes traços ajuda a melhorar a habilidade de capturar essas variações, percebendo as tonalidades, os pontos de luz e sombra, promovendo maior apreciação da diversidade humana.

Figura 30: Retrato de mulheres. Técnica: lápis de cor. Criação: estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 30 apresenta dois desenhos de retratos de mulheres que possuem tonalidades de pele e feições faciais diferentes. Através dessas pinturas, é possível perceber dois estilos, sendo a expressão criativa dos educandos inspiradas em pessoas de várias etnias.

Figura 31: Retratos com lápis de cor. Criação: estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Como ilustrado na figura 31, alguns estudantes escolheram o mesmo modelo de rosto para praticar o desenho e a pintura com lápis de cor, mas desenvolveram de formas diferentes, ou seja, cada um seguiu o próprio estilo de desenhar e de pintar.

Como a maioria dos estudantes presentes nessa pesquisa já desenhavam pessoas, sendo que uns seguiam a técnica de desenho de mangás e HQ, aprendidos por meio de tutoriais de vídeos na plataforma do *YouTube*, vi a necessidade de reforçar a atenção para esses detalhes para que eles pudessem criar sem se prender totalmente a uma técnica. Para isso, compartilhei para o grupo de whatsapp, (figura 31) dois vídeos sobre desenho de etnias do canal de Mia GB (2018) e de Aguiart (2021), duas artistas que mostram as principais características de algumas etnias, seguindo o seu próprio estilo e um vídeo de pintura de olhos com lápis de cor (figura 32) do meu canal do *YouTube*.

Figura 32: Postagens de vídeos de desenho de rostos. WhatsApp.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 33: Postagem de vídeo de pintura de olhos. WhatsApp



Fonte: Acervo Pessoal

4º Encontro

No primeiro momento, a apresentação das imagens em mídia, visualizadas diretamente no meu notebook da Série “O Polvo” da artista Adriana Varejão, com uma roda de conversa, assim como foi realizado na análise das imagens de Angélica Dass, e no segundo momento com as misturas de cores para aprenderem a obter vários tons de pele.

Roda de conversa com as seguintes questões sobre a Série “O Polvo” da artista Adriana Varejão.

1- Quais são as cores que vocês conseguem identificar nos retratos?

As cores mencionadas pelos estudantes foram marrons claro e escuro, bege e amarelo.

2- Por que ela pintou apenas um detalhe do seu rosto?

Para eles a artista aplicou as cores em seu retrato para mostrar a sua descendência, outros disseram que era para mostrar a variedade de cores do brasileiro.

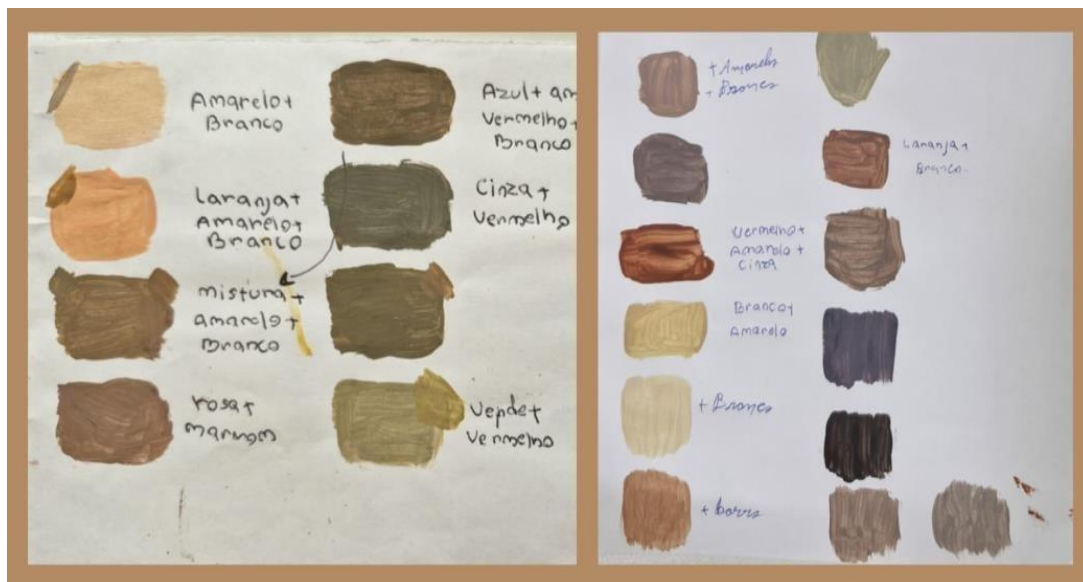
Finalizei a roda de conversa explicando sobre o processo de criação de Adriana Varejão ao produzir a série “O Polvo”, que teve como ponto de partida a pesquisa do IBGE, realizada em 1976 com a seguinte pergunta “Qual a sua cor de pele? Resultando em 136 respostas por representar várias cores da população brasileira.

Dei continuidade com a proposta de criação de uma árvore genealógica de tons de pele, usando a tinta guache através das misturas das cores primárias e neutras. Como referência, apresentei a minha árvore feita com a tinta guache e outra que estava em processo de criação detalhando os tons que percebi na minha família, falei sobre os meus antepassados de acordo com os relatos de meus pais e parentes mais próximos.

Antes dos estudantes iniciarem a produção da árvore genealógica, mostrei a eles como fazer as misturas para obter vários tons de pele, reforçando o estudo das cores, já vistas nas aulas de artes. Em seguida, fiz a mistura usando as três cores primárias com o branco e preto, resultando em uma tonalidade de marrom, e fui adicionando branco aos poucos para obter tonalidades mais claras e preto para obter tonalidades mais escuras. Fiz outras misturas com o preto e o vermelho, acrescentando aos poucos amarelo e um pouco de branco, finalizando com a construção de uma paleta de tons de pele.

Como os estudantes do 8º ano não estavam acostumados a fazer misturas com a tinta, sugeri que construíssem paletas de tons de pele e fizessem as anotações das misturas e que também observassem as paletas criadas pela artista Adriana Varejão, pois isso facilitaria na criação da árvore genealógica.

Figura 34: Tonalidades de Cores de Pele. Produção dos Estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Tal como ilustrado na figura 34, conforme iam fazendo as misturas, os participantes anotavam as cores usadas, para facilitar a repetição de uma cor específica, registrando o processo e compreendendo melhor as combinações utilizadas. Além disso, esse registro colaborou para a produção da árvore genealógica.

Os estudantes produziram árvores genealógicas de tons de pele, de forma a resgatar a partir da memória as cores de seus familiares, a fim de utilizá-las como inspiração para os tons da pintura dos seus retratos. A partir disso, cada educando realizou suas próprias misturas, de acordo com suas percepções, começando a partir dessa experiência a trabalhar sua ancestralidade, como ilustrado nas figuras 35 e 36.

Figura 35: Processo de criação de uma árvore genealógica de tons de pele.



Acervo Pessoal

Figura 36: Estudantes criando árvore genealógica de tons de pele.



Acervo Pessoal

5º Encontro

Após o estudo e prática dos elementos faciais e misturas de cores para a representação de um rosto, no primeiro momento desse encontro, apresentei como referências visuais, duas imagens da série “Rostos do Negro Brasileiro”, de Dalton Paula, e no segundo momento, os estudantes iniciaram a criação de retratos com a tinta guache.

As imagens da série “Rosto do Negro Brasileiro” apresentadas foram de uma mulher e um homem negro, comentei sobre as tonalidades e contornos dos narizes dos retratados. Além disso, expliquei sobre o sentido dos seus retratos para a reparação de uma lacuna histórica, dando a devida visibilidade a personalidades negras que foram banidas da narrativa dominante, evidenciando suas experiências no campo social, cultural, profissional, político e religioso.

Partindo para a prática, iniciando o segundo momento, comentei com os educandos a importância de criar retratos inspirados em pessoas de sua convivência, buscando diversificar os tons de pele e características físicas, e ressaltar que todo o processo de análise de imagens, detalhes do rosto, e mistura de cores, foram essenciais para prepará-los para a criação dos retratos.

Os estudantes utilizaram para fazer o contorno dos rostos, dos olhos, sobrancelhas, bocas e narizes, o lápis HB ou nº 2. Quanto à pintura dos rostos, eles fizeram misturas com as cores primárias e neutras, e as que eles acharam viáveis utilizar, pois alguns tinham caixa de tinta guache com mais cores, sendo importante eles experimentarem misturas com outras cores para descobrirem outras tonalidades, como ilustra a figura 37.

Figura 37: Misturas com as cores primárias e neutras. Produção: estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Os estudantes iniciaram a produção dos retratos a partir da observação cuidadosa dos traços faciais, buscando compreender proporções, expressões, os tons de pele, observando as misturas que já haviam feito através da paleta de cores e árvores genealógicas, detalhes do cabelo, verificando particularidades de cada rosto.

Figura 38: Estudantes em processo de criação dos retratos.



Fonte: Acervo Pessoal

Como se observa na figura 38, conforme sugestão, alguns estudantes fizeram o retrato em telas pequenas, tamanho 30x40 e 20x30, e outros fizeram em folha de papel 40kg, cortadas no tamanho A3 e A4.

A figura 39 revela a maneira singular com que cada educando interpretou o rosto retratado, visando desenvolver pinturas que evidenciassem percepções pessoais e sensibilidade de cada um, valorizando a diversidade étnico-racial presente no contexto escolar, uma vez que cada um buscou diversificar as cores da pintura dos rostos e detalhes da face humana. Alguns fizeram o esboço do rosto através do desenho de memória, sem precisar olhar uma imagem específica, já outros observaram as pessoas através de imagens salvas no celular.

A maioria dos participantes procurou juntar características físicas de mais de uma pessoa: detalhes da mãe ou avó com os deles/as, do irmão com o pai, de dois colegas. Enquanto outros buscaram observar a imagem de uma única pessoa, mas mudando a posição do rosto, criando outra roupa e adicionando acessórios.

Figura 39: Criação de retratos em tela e papel



Fonte: Acervo Pessoal

6º Encontro

Neste encontro, os estudantes deram continuidade à pintura dos retratos, procurando criar formas e cores para destacar a sua composição visual, trabalhando também com o fundo da imagem, como ilustra a figura 40.

Figura 40: Estudantes pintando os retratos.



Fonte: Acervo Pessoal

A maior parte dos educandos conseguiu concluir a pintura dos retratos nesse encontro, ficando para os próximos, aqueles que acharam que precisavam melhorar ou acrescentar a indumentária e o fundo das imagens, ou os que não puderam estar presentes no dia.

7º e 8º Encontros - Extras

Foi necessário haver mais dois encontros com os estudantes do 9º ano que não puderam estar presentes, devido à prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que foi realizada na última semana de outubro, e com um estudante do 8º ano que não tinha conseguido finalizar os retratos, então, nos reunimos na biblioteca e refeitório da escola, nos últimos tempos de terça e quarta-feira, no horário matutino.

No sétimo encontro, como a maioria sabia fazer as misturas de cores, e já estava com o esboço do rosto pronto em tela e papel, pintaram com mais rapidez, surgindo dúvidas em relação aos detalhes de luz e sombra, e apenas um estudante estava com dificuldade de manusear o pincel no contorno dos olhos e nariz.

No oitavo encontro constituiu-se o momento final do processo, marcado pela apresentação dos retratos pintados com a tinta guache pelos participantes da pesquisa, havendo um diálogo acerca das ideias, dificuldades e inspirações sobre a criação dos rostos de pessoas inseridas em seu contexto cultural. Assim, fiz o registro de todos os materiais produzidos, incluindo os esboços, as paletas de cores, as árvores genealógicas de tons de pele, bem como as minhas anotações e capturas de imagens de todo o percurso criativo, consolidando-se como objetos de análises para a execução da pesquisa.

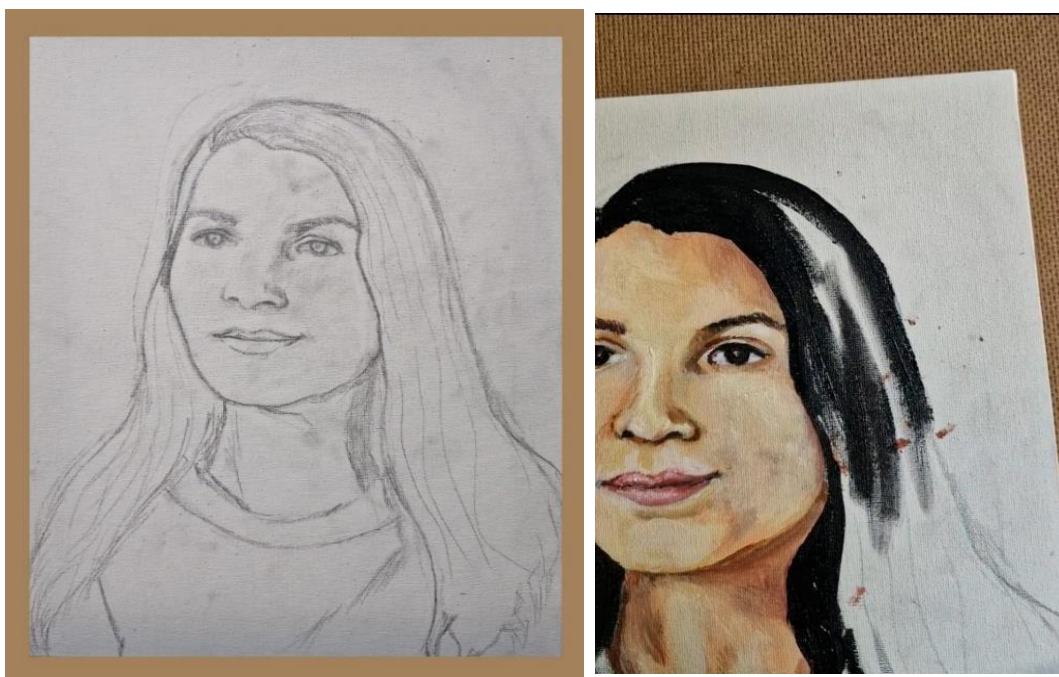
3.3 PROCESSO DE CRIAÇÃO: PROFESSORA ARTISTA

Ao longo desse percurso a/r/tográfico, enquanto professora/artista/pesquisadora, encontrei saberes em conjunto com a prática docente, aproximando-me das atividades não apenas como construção de material didático, mas como alguém que também faz parte desse ambiente cultural do qual os estudantes estão inseridos. A representação da diversidade étnica brasileira, feita com base na observação de pessoas conhecidas dos educandos, me fez olhar novamente para o meu contexto familiar, surgindo ideias e inspirações na minha criação como artista visual, vinculadas à minha ancestralidade e ao cotidiano escolar.

Durante a viagem que fiz a Parintins, em junho de 2025, analisei fotografias que ficavam sobre uma mesa antiga do meu pai, que estava na sala de estar. Sobre ela

havia várias fotos, protegidas por um vidro, entre as quais identifiquei uma imagem em preto e branco do rosto da minha mãe ainda jovem, com 25 anos. A partir disso, surgiu a ideia de representá-la, levando-me a registrar a imagem no meu celular. Ao chegar em Manaus, fiz o desenho com o lápis diretamente na tela de pintura, e partilhei esse processo com os estudantes, durante os encontros de criação de retratos, concluindo a pintura para a exposição que estaríamos a preparar. Como nunca tinha visto uma imagem da minha mãe em idade jovem, em fotos coloridas, observei fotos suas em fase mais tardia, para identificar o tom da sua pele que era clara, variando entre tons bege e amarelados. Para a realização do retrato, utilizei como técnica a tinta acrílica, fazendo misturas com cores primárias e neutras, pintando detalhadamente com tons mais escuros o contorno das suas feições faciais, as quais eram bem parecidas com as minhas feições (figura 41).

Figura 41: Processo de Criação do Retrato da Minha Mãe. Acrílico sobre tela



Fonte: Acervo Pessoal

Durante o quinto encontro, iniciei uma pintura em tela a partir da observação da fisionomia de duas alunas (figura 42) utilizando como referências imagens registradas no meu celular, com o objetivo de demonstrar os procedimentos de aplicação da tinta guache sobre a tela e o papel, bem como o uso adequado do pincel. Finalizei esse trabalho ao longo dos encontros, compartilhando o meu conhecimento, e ao mesmo tempo fazendo o percurso criativo junto aos educandos.

Figura 42: Retrato em processo de criação feito pela professora



Fonte: Acervo Pessoal

3.4 TRAÇOS E TONS

Figura 43: Convite Virtual da Exposição “Traços e Tons”



Acervo Pessoal

Realizamos na escola uma exposição de arte intitulada “Traços e Tons”, para apresentar as nossas criações de retratos: dos estudantes e da professora artista. A expressão “Traços” representou as linhas, formas e contornos para construir o rosto humano, e “Tons” fez referência às cores e suas variações de claro, escuro e tonalidades de pele, mostrando como cada retrato nasce da combinação desses elementos para revelar a singularidade de cada pessoa representada, trazendo através da pintura facial a diversidade étnica brasileira presente entre nós.

A exposição “Traços e Tons” contou com 34 retratos feitos em tela e papel do tamanho A4 e A3, 5 paletas de cores de pele, e 9 árvores genealógicas de tons de pele, tendo como técnicas: tinta guache e lápis de cor, (figura 44). Dos 34 retratos, 4 fizeram parte de uma instalação com 4 paletas sobre papel 40kg, com detalhe de juta, (figura 45) que foram produzidas por 3 estudantes, e por mim, tendo como propósito chamar a atenção dos visitantes para a diversidade de tons de pele existente na escola. A combinação de retratos e paletas baseou-se na série “O Polvo” da artista Adriana Varejão (2014).

Figura 44: Detalhe da Exposição “Traços e Tons”



Figura 45: Instalação de Retratos e Paletas de Tons de Pele



Fonte: Acervo Pessoal

A exposição (*Vernissage*) sucedeu-se no dia 11 de novembro de 2025, no horário matutino, das 7h30 às 11h, na biblioteca da Escola Municipal Professora Antônia Pereira da Silva, tendo como visitantes o corpo escolar: professores, pedagogas, gestora e alunos de 3 turmas do 8º ano, que foram participando, de acordo com os meus tempos de aula. Como eu não teria aula com o 9º ano nesse dia, os

professores liberaram de 15 em 15 alunos, no 3º e 5º tempos, para assistirem à exposição, conforme figura 46.

Figura 46: *Vernissage* Exposição “Traços e Tons”



Fonte: Acervo Pessoal

Durante a *Vernissage* houve uma ação mediada por diálogos, que teve por finalidade despertar uma visão reflexiva sobre diversidade de tons de pele e feições faciais, tanto dos participantes da pesquisa quanto dos estudantes que visitaram a exposição. A princípio, eu fiz uma breve explicação sobre a finalidade da criação de retratos e a sua relação com as paletas e árvore genealógica de tons de pele. Em seguida, um dos estudantes expositores comentou sobre o seu processo de criação, (figura 47) envolvendo estudos dos traços faciais e as misturas feitas com a tinta guache para obter vários tons de pele.

Figura 47: Estudante dialogando sobre as criações de retratos



Fonte: Acervo Pessoal

Inicialmente, em meio a uma atmosfera de alegria, brincadeiras e curiosidade, a maioria dos alunos visitantes estavam interessados em saber quem eram as pessoas representadas, tentando identificar se eram conhecidos, se era algum colega ou alguém famoso do universo de interesse deles, teceram comentários e fizeram comparações. Eu aproveitei os seus questionamentos, direcionando-os para observarem a si próprio, perguntando se viam tons próximos das suas cores de pele, tipos de cabelo, detalhes faciais, e alguns levaram os seus braços até as paletas, indicando os tons próximos dos seus tons de pele.

A mediação em arte é uma maneira de ajudar a criar uma conexão mais profunda, significativa entre os estudantes e as obras de arte, pelo qual eles têm a oportunidade de falar sobre suas experiências e refletir sobre suas percepções e sentimentos. “O modo como cada indivíduo decifra ou compreende uma obra de arte tem referência no seu repertório, nas suas experiências, assim como nos conhecimentos apreendidos ao longo de sua vida” (Braga; Madalosso e Schlichta, 2015 p.13).

No decorrer da exposição, propus aos alunos visitantes que eles escolhessem os dois retratos que mais lhes chamassem a atenção, e fizessem um pequeno texto, descrevendo as características dos rostos retratados e o porquê da sua escolha, como forma de tornar a experiência mais profunda e memorável. Assim, nas aulas de arte eles entregaram o texto descritivo sobre os retratos da exposição que mais lhes

despertaram curiosidades. Como exemplo, reuni alguns trechos descritos por eles que mais se repetiram: “um olhar cansado”, “olhos pequenos”, “cabelo crespo e enrolado”, “ele era pardo”, “garoto moreno com cabelos longos”, “seu cabelo era enrolado”, “cachecol verde e seu rosto cansado”, “ele tinha uma franja”, “olhos verdes e boca rosa”. Em resumo, eles identificaram tipos variados de fisionomias, e algumas semelhanças com personagens de séries e jogadores de futebol, com os colegas e comigo, a professora/artista.

A mostra artística contou ainda com a presença de alguns pais dos estudantes/artistas, que contribuíram através de relatos sobre o processo de criação dos retratos. Uma das mães elogiou o trabalho e compartilhou experiências pessoais de preconceito vividas em sua trajetória escolar, relacionadas à cor de sua pele e o tipo de cabelo, mencionando que, para atuar como cabeleireira, precisou alisar os fios. Outros pais relataram que acompanharam de perto a produção dos desenhos, deram sugestões para melhorar as expressões faciais e perceberam uma evolução significativa do/a filho/a, pois anteriormente, acreditavam que ele/a não sabia desenhar. Além disso, comentaram sobre as obras realizadas pelos demais estudantes, ressaltando a importância do projeto.

A exposição “Traços e Tons” foi uma forma dos estudantes interagirem com seus colegas, relatando sobre o seu processo de criação, tendo como ponto de partida as características de seus amigos, colegas e familiares, despertando a curiosidade de muitos visitantes pelas várias formas de representação do rosto humano. Além do mais, aproximou os pais do cotidiano escolar e das práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de Arte, criando registros afetivos e culturais que fortalecem a aproximação da escola com a comunidade.

4 ENTRE FEIÇÕES E TONALIDADES-RESULTADOS

Os resultados revelaram diferentes perspectivas por parte dos estudantes, o que permitiu a elaboração de retratos representativos da variedade de tons de pele e de feições faciais associadas à população brasileira. Essas produções artísticas tiveram como base as memórias que os educandos tinham acerca dos traços físicos de seus ancestrais, bem como as observações dos seus familiares, colegas de turma, amigos e de si próprios, em consonância com os objetivos desta investigação.

A partir do plano de estratégias, envolvendo leitura de imagens e prática do desenho e da pintura, considerando os desafios de adaptação ao contexto escolar, foi possível o desenvolvimento da pesquisa, conseguindo atingir as metas estabelecidas.

No que concerne a representação das feições faciais, os participantes conseguiram desenhar diferentes tipos de olhos, bocas, narizes e sobrancelhas, captando detalhes da fisionomia dos colegas, amigos e familiares. A experiência prévia de alguns estudantes com técnicas de desenho de mangás e histórias em quadrinhos, articulou-se com a prática do desenho realista, resultando não só na diversidade de características físicas, mas também em uma expressão criativa, sem a adoção de um modelo único ou padronizado de representação, procurando desenvolver o próprio estilo.

A maior dificuldade dos participantes em relação as feições faciais, concentrou-se na representação do nariz, uma vez que alguns dos estudantes estavam habituados a desenhá-lo de maneira simplificada representada com duas linhas retas, ou o desenho de um nariz afilado. Percebi que ao se depararem com formas variadas, buscaram experimentar fazer outros modelos, aplicando a técnica de sombreamento, ficando mais evidente nos desenhos do rosto de perfil e semiperfil, como ilustrado na figura 48.

Figura 48: Detalhe de rostos criado pelos estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Àqueles que diziam não saber desenhar, conseguiram por meio da observação e da prática de métodos de construção da face humana, criar olhares expressivos, produzir imagens mais amplas e proporcionais associadas às características mais comuns de indígenas, africanos, europeus e asiáticos, presentes em seu entorno cultural.

Em relação as tonalidades de pele, a produção de paletas colaborou para o maior entendimento sobre como fazer misturas com as cores primárias e as neutras, antes da construção da árvore genealógica de tons de pele, pois através desse exercício os estudantes ficaram mais familiarizados com alguns tons, chegando até mesmo criar estilos de paletas de tons de pele, (figura 50), configurando-se numa montagem de retratos e paletas apresentados na exposição “Traços e Tons”, realizado na escola.

Figura 49: Paletas de tons de pele com tinta guache. Criação: estudantes



Fonte: Acervo pessoal

Quanto à criação de árvores genealógicas de tons de pele, (figura 50), percebi maior motivação, interesse e curiosidade dos estudantes, por ter como inspiração as cores da sua própria família, algo que eles não estavam habituados a fazer, sendo que alguns produziram mais de uma árvore genealógica de tons de pele, porque achavam que não tinham representado a cor mais próxima da realidade. Além disso, eles ampliaram o seu repertório visual, fortalecendo o sentimento de pertencimento, valorizando a sua ancestralidade a partir do momento em que procuraram dialogar com seus pais e avós sobre seus antepassados, sendo uma verdadeira descoberta.

A árvore genealógica de tons de pele foi importante durante o processo de criação dos retratos porque ajudou os estudantes compreenderem a diversidade presente dentro da própria família e na escola, tornando o aprendizado mais sensível e significativo. Essa atividade possibilitou refletir sobre ancestralidade e identidade, mostrando que diferentes tons de pele fazem parte do seu entorno cultural.

Figura 50: Árvores Genealógicas de Tons de Pele. Criação: estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

Os estudantes construíram árvores genealógicas de tons de pele, representadas em formato geométrico e com detalhes de uma vegetação, junto com as tonalidades, enriquecendo o que seria um estudo básico das cores com variações de estilos, como ilustrado na figura 50.

Sobre a criação de retratos, produção artística dessa investigação, os estudantes buscaram observar as características faciais e os tons de pele de colegas, amigos familiares, e deles próprios, atingindo os objetivos estabelecidos.

Entre os estudantes do 9º ano que participaram desde o início da pesquisa, notei um aumento significativo na confiança ao produzir os retratos. Eles passaram a realizar desenhos em formatos maiores, do A4 para o A3, e exploraram novas posições do rosto, como o perfil e o semiperfil, sentiram-se mais à vontade para criar sem ter a preocupação excessiva com a perfeição, realizando misturas com mais agilidade, explorando diversos tons de pele e aplicando a técnica de sombreamento.

Quanto aos educandos do 8º ano, notei certa insegurança nas primeiras pinturas com a tinta guache, porém à medida que foram praticando, passaram a produzir também pinturas em tela, sendo que um deles se sentiu mais à vontade em fazer um dos retratos com lápis de cor, e depois outro, pintado com a tinta guache.

Baseado nos relatos dos estudantes, alguns experimentaram compor um único retrato a partir de feições e tons de pele de mais de uma pessoa conhecida; outros preferiram observar apenas a imagem de um parente ou amigo específico; e houve ainda aqueles que, retrataram pessoas próximas e decidiram produzir também o seu próprio autorretrato. Além disso, conforme minha orientação, alguns educandos finalizaram o retrato com uma pintura de fundo, acrescentando tonalidades de cores, formas ou pinceladas, enquanto outros optaram por deixar o fundo branco.

5 POÉTICAS DOS RETRATOS DE ESTUDANTES ARTISTAS

Nesta seção, estão reunidos os retratos feitos pelos estudantes, permitindo observar as criações, técnicas e os diferentes estilos utilizados ao longo do processo, apresentando duas produções de cada participante, com o intuito de mostrar a diversidade de feições faciais e tons de pele existentes em seu entorno cultural.

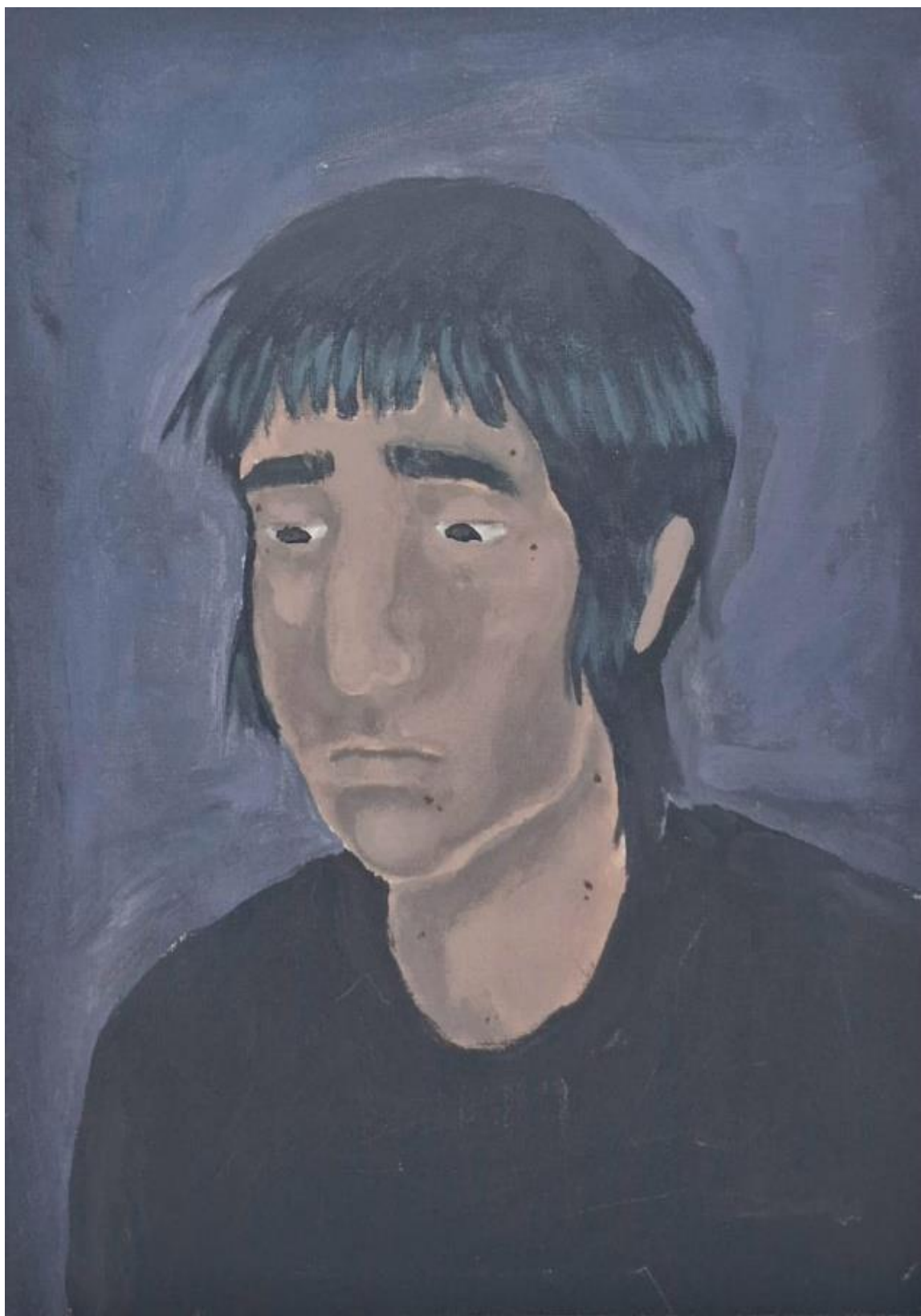
Cada imagem traz informações sobre os retratos, com base nos relatos dos estudantes, explicando sobre suas ideias, dificuldades e inspirações durante o processo de criação. Em sequência, coloquei as minhas percepções sobre as pinturas, estabelecendo ligações da criação com a proposta da pesquisa.

Esses estudantes artistas carregam consigo histórias e vivências singulares, que se refletem em suas produções artísticas. Como forma de resguardar suas identidades, neste trabalho eles serão identificados pelas cores primárias: vermelho, azul e amarelo; as neutras: preto e branco; o verde, cor secundária muito utilizada nas misturas; marrom escuro e marrom claro, tons originados das várias misturas feitas pelos estudantes, citadas por eles/elas durante o processo de criação.

5.1 VERMELHO

Segundo o relato do/a estudante, a referência da pessoa representada no Retrato 1, (figura 51), veio das características físicas e tonalidades de pele do pai falecido, incorporados com detalhes que lembram o irmão.

Figura 51: Retrato 1. Guache sobre tela



Fonte: Arquivo Pessoal

Já o Retrato 2 (figura 52), o/a estudante relatou que teve como base as feições faciais e tonalidade de pele da avó que o/a criou, somando-se com suas próprias características. Foi um dos retratos que chamou mais atenção dos alunos que visitaram a exposição “Traços e Tons”, devido ao seu “olhar cansado”, “sofrido”, “melancólico”, e ter como figurino um cachecol verde, lembrando personagens de séries estrangeiras.

Figura 52: Retrato 2. Guache sobre tela.



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 1 e 2 apresentam rostos de forma expressiva, sendo a figura de um homem com olhos voltados para baixo, como se estivesse pensando, e a mulher olhando para o lado, expressando tristeza ou cansaço. Percebi que ele/a representou a face sem um contorno nítido, mas dando para identificar os detalhes da fisionomia através da pintura. Quanto a cor da pele, ele/a utilizou nos dois rostos duas tonalidades, sendo o primeiro representado com tons mais escuros e o segundo com tons mais claros, mostrando a diversidade de cores de pele presente na família, além de particularidades como sinais escuros presentes no rosto e pescoço. Ele/ela soube representar um pouco da diversidade brasileira, sem se prender a um modelo padrão, unindo habilidade e estilo, complementando cada personagem com detalhes de cores, luz e sombra no rosto e nas indumentárias, realçando os retratos com uma pintura de fundo.

5.2 AZUL

Segundo o/a estudante, ele/a observou uma imagem de sua mãe, tentando reproduzir suas características faciais e tonalidade de pele, (figura 53). Esse/a estudante, antes de participar da pesquisa, já havia me falado que tinha vontade de fazer uma pintura da sua mãe, mas achava difícil. Conforme foi praticando o desenho e as misturas das cores, ele/a foi aprimorando, retratando sua mãe e outras pessoas conhecidas.

Figura 53: Retrato 3. Guache sobre tela.



Fonte: Acervo Pessoal

Já o Retrato 4, (figura 54), o/a estudante comentou que fez uma junção das características faciais presentes nele/a e na sua família, que segundo ele/a, possuem várias tonalidades de pele e tipos de cabelo. Ele/a adicionou acessórios na pessoa retratada e aproveitou as cores que utilizou na mistura de pele para pintar o fundo da imagem.

Figura 54: Retrato 4. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 3 e 4 revelam rostos de duas mulheres, uma na posição frontal inclinada e outra na posição semiperfil. No primeiro, a figura surge com a cabeça inclinada, olhando para a frente, exibindo um sorriso aberto, demonstrando saber que está sendo retratada, enquanto na segunda a personagem apresenta um sorriso discreto, com um olhar fora do enquadramento, convidando o espectador a imaginar o que a pessoa está a ver. As duas personagens mostram-se com contornos mais definidos, sobretudo na boca e no nariz.

Percebi uma diferença na aplicação da cor entre os dois retratos: no primeiro, as pinceladas permanecem visíveis, enquanto no segundo, a pintura revela um acabamento mais suave e uniforme, sugerindo uma preocupação em adequar as tonalidades da pele aos efeitos de luz e sombra. As pessoas retratadas possuem tonalidades claras, sendo uma mais próxima do marrom claro e outra com um tom mais amarelado. Quanto ao cabelo, um retrato mostra fios lisos com leves ondulações junto à testa, por sua vez, o outro, apresenta cabelo crespo, preso em um coque, com franja encaracolada. combinação desses detalhes evidencia a intenção do(a) estudante em explorar e representar a diversidade de características presentes em seus familiares.

5.3 AMARELO

O Retrato 5 apresenta características faciais e tonalidades de pele de pessoas da família do/da estudante, (figura 55). Ele/a relatou que inicialmente queria fazer a metade do rosto de uma pessoa mais jovem e a outra metade de uma mais velha, e conforme foi pintando, optou por deixar apenas a imagem da mais jovem, trazendo elementos faciais observados na família, com olhos pequenos e lábios grossos, e uma tonalidade que vai do marrom claro ao tom de amarelo. A combinação desses detalhes evidencia a intenção do(a) estudante em explorar e representar a diversidade de características presentes em seus familiares.

Figura 55: Retrato 5. Guache sobre tela.



Fonte: Acervo Pessoal

Sobre o retrato 6, o/a estudante relatou que observou a imagem de uma amiga, e o fundo foi inspirado na obra “Noite Estrelada” de Van Gogh, (figura 56). Ele/a começou a pintura desenhando a amiga com o cabelo cacheado, por ser o seu cabelo

original, e sem os óculos, porque não sabia desenhar, mas conforme foi pintando, decidiu deixá-la como estava na foto. Quanto aos óculos, eu fui dando orientação para fazer a pintura com a mistura do branco com um pouco de preto para ficar um cinza claro para a sombra.

Figura 56. Retrato 6. Guache sobre Tela



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 5 e 6 apresentam rostos de duas mulheres que evidenciam um claro contraste entre si. Enquanto uma é representada de frente, transmitindo sentimentos de tristeza e timidez, com os olhos ligeiramente voltados para baixo, como se evitasse encarar alguém, a outra surge em posição semiperfil, apresentando uma expressão de alegria, olhando para a frente.

O retrato 5 apresenta elementos faciais bem marcantes, especialmente os olhos e os lábios, definidos por contornos precisos, tendo o cabelo ondulado e volumoso, feito por meio de linhas curvas, com tons que remetem para o castanho claro. Quanto ao retrato 6, os detalhes faciais surgem representados com linhas mais suaves, com o cabelo liso e preto, com reflexos mais acinzentados.

Notei uma distinção na forma da sobreposição das cores sobre os rostos, para a representação da luz sobre a pele, sendo um com pinceladas e texturas, ao passo que, o outro rosto já foi pintado de forma mais uniforme e lisa, com luminosidade e sombreamento mais definido, destacando mais os tons. A articulação desses detalhes dos dois rostos mostra a preocupação do/da estudante em retratar a diversidade de características tanto de familiares quanto de amigos, valorizando tanto as feições faciais como as diferentes tonalidades de pele.

5.4 PRETO

No Retrato 7, o/a estudante baseou-se em detalhes da fisionomia característicos de seus familiares e de si mesmo, (figura 57). Ele/a quis representar o rosto de forma mais realista, procurando desenhar uma pessoa na posição semiperfil, evidenciando os pontos de luz e sombra, com três tonalidades de marrom.

Figura 57: Retrato 7. Guache sobre papel



Fonte: Arquivo Pessoal

Já no Retrato 8 (figura 58), o/a estudante baseou-se na fisionomia e tonalidades de pele de colegas e conhecidos que tinham o cabelo cacheado e a pele clara, buscando fazer misturas com maior quantidade de branco e amarelo sobre o marrom, criando uma pintura mais realista.

Figura 58: Retrato 8. Guache sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 7 e 8 apresentam um rosto de um homem e uma mulher, sendo que o primeiro está na posição semiperfil, com um olhar direcionado para fora do enquadramento, que convida o observador a imaginar o que a personagem está a ver, enquanto o segundo está na posição frontal, com os olhos voltados para a frente. Percebemos nos dois retratos a preocupação em delimitar cada ponto de luz e sombra, onde o/a estudante foi em busca da representação mais fiel do rosto humano, especialmente na primeira imagem, que apresenta minuciosamente as tonalidades de pele da pessoa representada.

No retrato 7, ele/a buscou pintar detalhadamente as sobrancelhas, juntando uma com a outra, os olhos com contornos mais precisos, sombreamento no nariz e na boca, destacando com uma linha ao redor do rosto sobre um fundo preto. Já o retrato 8, ele/a representou os olhos, nariz e boca, com leves contornos, podendo perceber pinceladas visíveis com formas circulares. Os dois rostos evidenciam o cuidado do/da estudante em representar a variedade de características dos seus colegas, familiares e de si mesmo, destacando as particularidades de feições faciais e tonalidades de pele. com uma linha ao redor do rosto sobre um fundo preto. Já o retrato 8, ele/a representou os olhos, nariz e boca, com leves contornos, podendo perceber pinceladas visíveis com formas circulares. Os dois rostos evidenciam o cuidado do/da estudante em representar a variedade de características dos seus colegas, familiares e de si mesmo, destacando as particularidades de feições faciais e tonalidades de pele.

5.5 BRANCO

Para a produção do retrato 9, o/a estudante relatou que fez uma junção das características de sua mãe, irmãos e si mesmo/a, procurando destacar o cabelo liso e longo, com a tonalidade de pele clara e bronzeada, (figura 59). Ele/a utilizou para a mistura da pele, o branco em maior quantidade e um pouco de vermelho para dar um tom rosado, complementados com amarelo para chegar a um tom mais alaranjado.

Figura 59: Retrato 9. Guache sobre papel



Figura: Retrato 11. Guache sobre papel 40 kg

No retrato 10, o/a estudante baseou-se nas características de conhecidos da escola, que tinham o tom de pele mais escuro, com um cabelo que é liso e ao mesmo tempo, possui uma leve ondulação, destacando com uma pintura de fundo, (figura 60).

Figura 60: Retrato 10. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 9 e 10 ilustram duas mulheres com características bem diferentes uma da outra, mas com olhos grandes e impactantes, lembrando personagens de anime (animação japonesa) pela forma, tamanho e expressão. Em ambos, notei o cuidado do/da estudante na representação do cabelo, tentando reproduzir um tipo mais comum entre seus familiares, que é o liso, preto, e comprido, e um que muitos não sabem definir se é liso ou ondulado, mostrando um detalhe da mistura de características de várias etnias.

O retrato 9 apresenta um rosto na posição semiperfil, mostrando parte do corpo de uma mulher, direcionando os olhos para frente do observador, com o nariz e a boca bem contornados, a pele pintada com um tom claro e um pouco de marrom abaixo do queixo, destacando a sombra. Já o retrato 10 apresenta o nariz e boca bem definidos, com pinceladas mais aparentes feitas com tons escuros, sombreamento mais evidente nas bochechas, pontos de luz no nariz e na boca.

A forma como os detalhes dos rostos é combinada, evidencia a intenção do/da estudante em representar a diversidade presente entre familiares e alunos da escola, dando importância tanto a traços faciais como à variedade de tons de pele.

5.6 VERDE

Para a realização do retrato 11, o/a estudante relatou ter combinado características de seus pais e de si mesmo/a, buscando evidenciar o cabelo cacheado, além de uma tonalidade de pele clara, levando para o amarelo e laranja, (figura 61). Ele/a pintou o fundo com duas tonalidades de verde, sendo um verde claro, para destacar a pessoa retratada, optando por fazer a pintura como se a pessoa estivesse com maquiagem.

Figura 61: Retrato 11. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

No retrato 12 (figura 62), o/a estudante inspirou-se nas características de colegas da escola que tinham a cor de pele próxima do marrom claro e o cabelo crespo, colocando na pintura de fundo um tom mais acobreado.

Figura 62: Retrato 12. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 11 e 12 representam rostos de duas mulheres, cujos olhos são menores e com o formato mais amendoado. O retrato 11 está ligeiramente inclinado, com os olhos direcionados para frente, cabelo preto e ondulado, pintado com tons claros, sendo o nariz bem iluminado, e a boca marcada com um tom rosado. Enquanto o retrato 12 apresenta um rosto com tonalidades de pele mais escura, com sardas, sombra nas bochechas, lábios carnudos, tendo o nariz com linhas definidas e um pouco arrebitado.

Os retratos mostram a preocupação do(a) estudante na representação da diversidade existente entre colegas, familiares e em si próprio(a), destacando a singularidade das feições faciais, as diferentes tonalidades de pele e ao mesmo tempo ressalta algumas semelhanças das mulheres retratadas, como os olhos e a boca.

5.7 MARROM ESCURO

De acordo com o/a estudante, no Retrato 13 ele/a observou a foto de sua mãe, buscando reproduzir seus traços fisionômicos no estilo de personagens de HQ, tipo de desenho que ele/a estava acostumado a fazer, (figura 63).

Figura 63: Retrato 13. Guache sobre Papel



Fonte: Acervo Pessoal

No Retrato 14, o/a estudante relatou que procurou reproduzir a cópia fiel da imagem de uma amiga, optando pelo uso do lápis de cor, pois achou necessário ter mais prática para pintar com a tinta guache. Ao me mostrar a imagem de referência, foi possível perceber que ele/a conseguiu captar com precisão os detalhes retratados, (figura 64).

Figura 64: Retrato 14. Lápis de cor sobre Papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 13 e 14 representam duas mulheres com características diferentes, com olhos marcantes e bem definidos, cujo corpo parece estarem posicionados para o lado, como quem está se autorretratando por meio de uma câmera. O primeiro apresenta uma pintura com a tinta guache, estando bem uniforme, enquanto o segundo foi pintado com vários tons, através do uso do lápis de cor, destacando os pontos de luz e sombra, especialmente no rosto, com linhas aparentes por toda a pintura.

O retrato 13 apresenta um rosto que possui o cabelo preto, comprido, com uma ondulação no comprimento, com aparência de uma mulher mais madura. Já o retrato 14 apresenta uma pessoa com o cabelo preto, liso e repicado, de uma pessoa mais jovem.

Notei que o/a estudante procurou criar pessoas com estilo de histórias em quadrinhos, como ele/a relatou, mas deixando em evidência as singularidades dos rostos que mostram a diversidade de feições faciais, como os olhos mais puxados, os lábios menores e pele com tons variados. Isso mostra que ele/a trouxe o seu repertório, ou seja, do tipo de desenho que já produzia, procurando aprimorá-lo com atenção aos pormenores existentes na sua família e amigos vindos de influências indígenas, africanas, europeias e asiáticas.

5.8 MARROM CLARO

Segundo o/a estudante, a referência para o Retrato 15, foi de pessoas da escola que tinham os olhos claros, a pele branca rosada e o cabelo castanho claro, (figura 65). Ele/a procurou fazer o rosto na posição semiperfil, mostrando as costas para destacar o detalhe da blusa, e um tom de amarelo, para realçar a pintura de fundo.

Figura 65: Retrato 15. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

Na elaboração do retrato 16, o/a estudante relatou ter reunido traços de familiares e os seus próprios, com uma tonalidade de pele próxima do marrom claro e escuro, pintando o cabelo castanho claro com reflexos dourados, buscando representar uma pessoa com características de africanos, indígenas e europeus, (figura 66).

Figura 66: Retrato 16. Guache sobre papel



Fonte: Acervo Pessoal

Os retratos 15 e 16 apresentam duas mulheres na posição semiperfil, com olhos grandes e claros, das cores verde e azul intensos. A primeira está com os olhos direcionados para a frente do observador, e a segunda, voltada para fora do enquadramento, atenta para algo que está chamando a sua atenção.

Percebi a atenção especial do/da estudante em três aspectos: um, pela representação de um pouco de movimento, por meio do simples balançar das mechas do cabelo; outro, uma pessoa de costas com a cabeça virada, olhando fixamente para frente; e o último, a criação de vestimenta, sendo uma camisa verde com linhas horizontais, e outra, lembrando o fardamento escolar.

O retrato 15 tem o rosto destacado com um tom rosado, o nariz arrebitado e lábios finos feitos com contornos suaves, o tom marrom da sobrancelha acompanha o tom do cabelo. Já o retrato 16 chama a atenção por apresentar uma combinação mais evidente de feições próximas de etnias africanas e indígenas, como o nariz de base mais larga, lábios carnudos e tom de pele mais escuro, associadas aos olhos claros e formato do rosto de europeus.

A maneira de combinar os detalhes faciais com as tonalidades de pele, mostra a intenção do/da estudante de representar a pluralidade de características entre familiares e alunos da escola, valorizando simultaneamente as feições e as diferentes tonalidades de pele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação intitulada “Traços e Tons: A Diversidade Étnica na Criação de Retratos nas Aulas de Arte do Ensino Fundamental II” teve como propósito investigar o processo criativo dos estudantes na produção de retratos de rostos de pessoas com vários tons de pele e feições faciais, baseadas em seu entorno cultural. Dessa forma, realizou-se práticas artísticas de desenho e pintura, que articuladas com a A/R/Tografia possibilitou que estudantes do 8º e 9º ano fossem além de um exercício técnico, mas de percepções visuais que partiram da memória de traços físicos de seus familiares, bem como as observações de colegas de turma, amigos e de si próprios, como forma de perceberem que fazem parte de uma diversidade étnica.

Trabalhar com a Diversidade Étnica na criação de retratos foi desafiador por se tratar de um tema complexo, que envolve questões históricas, políticas, sociais e culturais. Por esse motivo, busquei enfatizar aspectos essenciais para compreender em que contexto o Brasil se tornou um país multiétnico, que pudessem contribuir com esta investigação, tendo em vista tratar-se de um mestrado profissional em arte, cujo foco era a utilização do conhecimento no contexto de exercício da profissão, ou seja, integrar fundamentos teóricos no campo artístico educacional. Nesse contexto, o estudo seguiu a linha de pesquisa “Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Arte”, por ter aproximado as práticas artísticas no processo de ensino na área de artes visuais.

O estudo adotou como metodologia a A/R/Tografia, cuja relevância reside na ampliação de formas de produção do conhecimento ao integrar criação artística, docência e investigação em um mesmo processo reflexivo, entrelaçando os papéis de artista, professor e pesquisador. Como a/r/tógrafa, mantive uma prática artística ativa, experimentando materiais, criando, investigando linguagens visuais e compreendendo os processos criativos a partir da minha experiência.

O fato de ser Artista Visual e Professora de Arte, possibilitou-me uma contribuição relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que o domínio de técnicas, recursos e estratégias, com produção artística antes e durante o processo

de criação dos estudantes, permitiu que as diferentes fases do trabalho fossem conduzidas com segurança e confiança. A participação mútua entre pesquisador e sujeitos da pesquisa não se limitou à transmissão de conhecimentos, mas envolveu a mediação de processos criativos.

Para a criação de rostos diversificados, houve a necessidade de apresentar retratos de artistas contemporâneos, que trataram de narrativas relacionadas a estereótipos ligados à cor e à representatividade. Comecei pelos retratos que desenvolvi sobre a diversidade étnica brasileira, apresentando aos estudantes as minhas percepções em relação a variedade de tons de pele e feições faciais percebidas ao observar familiares e conhecidos. Mostrei a importância da prática do desenho e da pintura na criação de retratos de pessoas do nosso convívio social, como forma de autoconhecimento e quebra de padrões de criação da figura humana, complementando no primeiro momento dos encontros com rodas de conversa, em meio a leitura de imagens e questionamentos a respeito das obras de referências e deles próprios.

A mistura de cores, utilização da técnica de luz e sombra, somados com o estudo da construção da face humana, durante o processo de criação, permitiu que os educandos alcançassem tons mais próximos da realidade, respeitando a pluralidade de tons, subtons e variações presentes ao representar uma pessoa. Além disso, eles buscaram variar a tonalidade no uso do lápis de cor, e se aprofundar no estudo das cores primárias e neutras, compreendendo que todos os tons são resultado de combinações, reforçando a ideia de diversidade, combatendo estereótipos e ao mesmo tempo compreendendo sobre elementos da linguagem visual.

Os resultados revelaram distintas percepções dos estudantes, o que favoreceu a elaboração de retratos expressivos da pluralidade de tons e feições presentes na constituição da população brasileira, tendo como referência as memórias relacionadas aos traços físicos de entes que já partiram, buscando através de sua criação preservar a sua memória, e valorizar a presença daqueles que se encontram entre nós. Agregando-se a isso, àqueles que fazem parte do cotidiano escolar, pois muitos uniram características de mais de um colega, como inspiração na criação de retratos. Como professora artista aproveitei o momento e criei um retrato de minha saudosa mãe, reproduzindo-a através de uma imagem em preto e branco, e acompanhei o fluxo das inspirações dos educandos.

Na exposição “Traços e Tons”, foi possível perceber que as obras produzidas pelos participantes da pesquisa despertaram grande interesse entre alunos, pais e professores, suscitando indagações, reflexões e curiosidade acerca dos processos de criação utilizados, pois muitos não costumavam frequentar exposições de artes visuais e, por vezes, associavam a arte apenas a artistas renomados e a espaços externos, considerado algo inacessível para eles.

A Arte tem o poder de expressar ideias através do desenho e da pintura, por isso, foi importante investigar o processo de criação dos estudantes, na produção de retratos contribuindo direta ou indiretamente para uma educação antirracista. Essa questão é percebida na representação de pessoas com variedade de tons de pele, e detalhes da face humana, trazendo à tona a diversidade presente na escola, em particular de características de povos indígenas e africanos, desmistificado o estereótipo cor de pele.

Portanto, essa pesquisa revelou-se uma estratégia significativa para ampliar as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem no componente curricular arte, através do qual os estudantes aprimoraram a sua percepção visual, e fortaleceram a relação com suas identidades. Assim, espera-se que este estudo se configure como um contributo artístico e pedagógico para práticas futuras, favorecendo a construção de uma escola, crítica, criativa, diversa e dinâmica.

REFERÊNCIAS

AGUIART, Bi. Como Desenhar Rosto de Diferentes Etnias. YouTube, 28 de abril de 2021. 10min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rYGI2PU8rMA> Visto em 30/08/2025.

BALISCEI, João P. Geiva, CALSA. GODINHO. Ana C. **Conflitos com o” Lápis Cor de Pele” A Série Polvo de Adriana Varejão e o Multiculturalismo no Ensino de Arte.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1p. 38-57, 2017.

BATISTA, Agatha. **Memórias Afrodiaspóricas Presentes nas Artes de Dalton Paula: Retratos Brasileiros e o Masp (2018-2022).** 33º Simpósio Nacional de História. 13-18/07/2025, Belo Horizonte, Minas Gerais.

BRAGA, Jéssica; MADALOSSO, Juliana; SCGHLICHTA, Consuelo. **Mediação de Artes para Espaços Escolares e Museológicos como Forma de Inclusão.** Educação, Artes e Inclusão. V. 11, nº 1, 2015.

DASS, ANGELICA. Projeto Humanae “Qual é a Cor da sua pele? Disponível em: <https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/> Acesso em: 28/04/2025.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em arte: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DIAS, Carina. **Relato de Experiência: O Despertar Criativo da Artista Carina Navegante.** In: CRUZ SOBRINHA, Olvídia, DIAS; Pollyanna D’Avila; MATOS, Raquel. Entre a Sala de Aula e a Galeria: Vivências, Persistência e Diálogos Artísticos na Amazônia. Editora Primeira Classe, p. 65-92, 2023.

DIAS, Enéas. Toada da Saudade. Álbum Boi Garantido 2021. Eu amo Parintins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EaAFCba7QRM> Visto em: 20/01/2026.

FERREIRA, Elisangela. **Refletindo o Conceito de Miscigenação no Brasil.** Artigo. Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.2012

GB, Mia. Como Desenhar Rosto #6- Raças e Etnias. YouTube, 23 de outubro de 2018. 11min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PARlnGomxCI> Visto em: 30/08/2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 2ª edição, São Paulo. Atlas, 2002.

GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA. 2025. Disponível em: <https://defensoria.mg.def.br/glossario-antirracista/#:~:text=Cor%20de%20pele,-No%20contexto%20escolar&text=Ressignificar%20esse%20conceito%20%C3%A9%20essencial,cer+a%20da%20cor%20marrom%20claro%E2%80%9D> Visto em 07/09/2025.

IKIKAME, Natalie. **Sobre Retratos: O que dizem de nós?** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação. Belém, 2015.

IRWIN, Rita L. **Artografia. Uma Mestiçagem Metonímica**. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. Senac São Paulo. Edições. SESC SP, 2008.

MANTOVANI, Juliana. CÂMARA, Ana. **O Pintor de Retratos: os liames entre a pintura e a fotografia**. Letras em Revista Teresina, v. 06, n.1. 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Niterói. EDUFF, 2004.

NASCIMENTO, Girlan. FÉLIX, Maria. GOMEZ, Patriciana. ALVES, Marisa. **Raças e Etnias Brasileiras**. Revista Científica Multidisciplinar: Saber. Ano IV, v.1, n.1, jan./jul. 2024.

NAVEGANTE, Carina. Pintando Olhos com Lápis de Cor. YouTube, 23 de junho de 2020. 4min41s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rYGI2PU8rMA> Visto em: 30/08/2025.

NEITZEL, Adair; STEIL, Isleide; FRANCEZ, Letícia. **Pesquisa Educacional Baseada em arte: A/R/Tografia**. Revista da Fundarte, 2022.

NOBRE, Aislane. **Cores e Tramas: Cor de Pele, Racismo e Afetividade no Processo Criativo Contemporâneo**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.

NONADA, 2017. **Entrevista**. Disponível em onada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-brasil/#:~:text=Daniel%20Munduruku:%20%Eu%20n%C3%A3o%20sou,%C3%A9%20no%20Brasil%20-%20Nonada%20Jornalismo Acesso em: 20/07/2025.

PAULA, Dalton. Retratos do Negro Brasileiro. 2018. Disponível em: <https://braziljournal.com/dalton-paula-e-o-rost-do-negro-brasileiro-chegam-ao-moma> Visto em: 30/10/2025.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação do Brasil**. São Paulo. Companhia de Letras, 1995.

RIBEIRO, Débora. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/melanina/#:~:text=Significado%20de%20Melanina,melan%20'negro%20e%20melanina>. Acesso em: 30/04/2025.

RODRIGUEZ, Lilian. EUCLIDES, Maria. HENRICK. Heloisa. **Lápis Cor de Pele: entre “riscos” e rabiscos das infâncias negras nos cotidianos escolares**. Revista Teias v. 24 n. especial abr./jun. 2023.

ROSILENE, Rauen. MOMOLI, Daniel. **Imagens de Si: O Autorretrato como Prática de Construção da Identidade**. Educação, Artes e Inclusão. V. 11, n. 1, Ano 2015.

SANTOS, Elaine. SILVA, Ana P. **Diversidade étnico-racial no Brasil: interccionalidade reflexões sobre miscigenação, racismo estrutural e democracia racial**. Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate. UEL – Paraná, 2024.

SEYFERTH, Giraldo. **Problema da Imigração no Brasil: Continuidades e Mudanças**. VIII Congresso Português de Sociologia. Évora, 2014.

SILVA, Paulo. LEON, Adriana. Glossário Antirracista.

Disponível em:

file:///C:/Users/inand/OneDrive/Documentos/MESTR_%20DISSERTA%C3%87%C3%83O/DISSERTA%C3%87%C3%83O/Glossa%CC%81rio%20Antirracista_%20Leon_%20Silva.pdf f Visto em: 20/10/2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros- Identidade, Povo, Mídia e Cotas no Brasil**. 2ª edição. Petrópolis. Vozes, 1999.

SUZUKI, Clarissa. **Outras Memórias, Outras Histórias: contra colonialidade e o saber como construção coletiva e emancipatória na educação antirracista nas artes**. 2022. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022.

VAREJÃO, Adriana. Polvo. 2014. Disponível em: <https://fdag.com.br/exposicoes/polvo/> Acesso em: 28/04/2025.